

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

MAYKON JHONATAN SCHRENK

**EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENSINO DA MATEMÁTICA: UM
ESTUDO DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO TEOTÔNIO VILELLA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TOLEDO
2015

MAYKON JHONATAN SCHRENK

**EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENSINO DA MATEMÁTICA: UM
ESTUDO DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO TEOTÔNIO VILELLA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso Superior de Licenciatura em Matemática – COMAT – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR *Campus* Toledo, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Barbara Winiarski
Diesel Novaes

TOLEDO
2015

**TERMO DE APROVAÇÃO
DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

MAYKON JHONATAN SCHRENK

**EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENSINO DA MATEMÁTICA: UM ESTUDO DO
COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO TEOTÔNIO VILELLA**

Trabalho apresentado como forma de avaliação para o Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em Matemática da UTFPR, *Campus* Toledo, e aprovado pela banca examinadora abaixo.

Prof^a Dr^a Barbara Winiarski Diesel Novaes

Prof^a Dr^a Vanessa Largo

Prof Me Cezar Ricardo de Freitas

Toledo, novembro de 2015

RESUMO

SCHRENK, Maykon J. **Educação do Campo no ensino da matemática: um estudo do Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella**. 2015. 92 pg. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso Superior de Licenciatura em Matemática, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Toledo, 2015.

O presente estudo propõe-se a verificar se e como ocorre a Educação do Campo no Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella por meio dos vestígios presentes na documentação escolar e no ensino da matemática. Para estruturar teoricamente o trabalho utilizamos Alves (2009), Antunes-Rocha e Martins (2009) para compreendermos sobre a Educação do Campo e D'Ambrósio (2005), etnomatemática. Além disso, legislações vigentes que tratam da Educação do Campo, de forma especial a Diretrizes Curriculares da Educação do Campo (DCEC, 2006), Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo (2002), Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996) e Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Educação Matemática do Campo (PNAIC, 2014). A pesquisa de cunho qualitativo (DENZIN, LINCOLN, 2006) privilegiou a documentação escolar como os cadernos (GVIRTZ, 2009) de matemática dos alunos do ensino fundamental anos finais, imagens das atividades docentes, Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2015 da escola, planejamento do professor de matemática. Realizamos entrevistas (DUARTE, 2004) com o diretor da escola, o professor de matemática do ensino fundamental e o pedagogo. Após a imersão do pesquisador nas fontes de pesquisa, emergiram duas categorias de análise que foram exploradas neste trabalho: cultura escolar (JULIA, 2001) da escola do campo e planejamento docente na disciplina de matemática. O estudo concluiu que na escola investigada os princípios da Educação do Campo agem fortemente no ensino do colégio, inclusive nas aulas de matemática e estão de acordo com as diretrizes estaduais de educação do campo do estado do Paraná. O campo possui muitas riquezas e as mesmas estão à disposição para o auxílio no aprendizado, cabendo aos professores juntamente com todo o colégio (diretores, pedagogos, etc.) saber utilizar esse recurso de forma que o foco do ensino sempre seja o aluno e sua formação como homem no local em que vive.

Palavras-chave: Educação do Campo; Educação Matemática; Etnomatemática.

ABSTRACT

SCHRENK, Maykon J. **Education Field J. in mathematics teaching: a study of State College Field Teotônio Vilella**. 2015. 92 pg. Work Completion of course (Graduation) - Bachelor's Degree in Mathematics, Technical University Federal of Parana. Toledo, 2015.

This study aims to determine whether and how does the Field of Education in the State College Field Teotônio Vilella through the traces present in the school documentation and mathematics teaching. To structure the work theoretically use Alves (2009), Antunes-Rocha and Martins (2009) to understand on Education Field and D'Ambrosio (2005), Ethnomathematics. In addition, existing laws that deal with the Rural Education in a special way the Curricular Guidelines for Education Field (CGEF, 2006), Operational Guidelines for Basic Education in schools field (2002), Law of Directives and Bases (LDB, 1996) and the Literacy National Pact in the Middle One: Field of Mathematics Education (LNPMO, 2014). The qualitative research (Denzin, LINCOLN, 2006) favored the school documentation as notebooks (Gvirtz, 2009) mathematics of elementary school students final grades, images of teaching activities, Pedagogical Policy Project (PPP) of 2015 school Math Teacher planning. We conducted interviews (DUARTE, 2004) with the school principal, math elementary school teacher and educator. After the researcher's immersion in the sources of research emerged two categories of analysis that have been explored in this work: school culture (JULIA, 2001) of the field school and teacher planning in mathematics discipline. The study concludes that the school investigated the principles of Rural Education act strongly in the college teaching, even in math classes and are in accordance with state guidelines of the Paraná state of the field of education. The field has many riches and the same are available for assistance in learning, leaving teachers with the entire college (directors, educators, etc.) know how to use this feature so that the focus of teaching is always the student and their training as a man in the place where he lives.

Keywords: Education field; Mathematics education; Ethnomathematics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reflorestamento Sanga Bonita (2004).....	13
Figura 2 - Apresentação sobre alimentos orgânicos (2006)	13
Figura 3 - Horta onde os alunos auxiliam no cultivo de plantas e verduras (2015).....	31
Figura 4 - Materiais (produzidos pelos alunos) em exposição no colégio.....	32
Figura 5 - Dia do Estudante - Intercâmbio com outro colégio do campo (2015)	32
Figura 6 - Cartaz expondo as atividades realizadas no campo (2015)	33
Figura 7 - Sala de aula dividida em grupos para as aulas.....	35
Figura 8 - Notícia sobre o resgate da memória das escolas da comunidade	36
Figura 9 - Participação dos profs. no concurso da macarronada da festa junina.....	37
Figura 10 - Atividade no caderno de aluno do 9º Ano	39
Figura 11 - Atividade no caderno de aluno do 8º Ano	40
Figura 12 - Alunos percebem na prática a importância da mata ciliar	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 OBJETIVOS.....	12
1.1.1 Objetivo Geral.....	12
1.1.2 Objetivos específicos.....	12
1.2 JUSTIFICATIVA	12
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
2.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	15
2.2 CONCEITOS ESTRUTURANTES.....	18
2.2.1 Campo e Educação do Campo	18
2.2.2 Educação do Campo e Etnomatemática	19
2.3 O QUE DIZEM AS DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DO ESTADO DO PARANÁ?	20
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	25
3.1 O CONTEXTO DA ESCOLA INVESTIGADA.....	25
3.2 ABORDAGEM QUALITATIVA, INSTRUMENTOS E UNIDADES DE ANÁLISE.....	26
4 O QUE AS FONTES REVELAM SOBRE A ESCOLA DO CAMPO TEOTÔNIO VILELLA?	30
4.1 CULTURA ESCOLAR DA ESCOLA DO CAMPO	30
4.1.1 Espaço Escolar	30
4.1.2 Organização Política, Movimentos Sociais e Cidadania.....	34
4.1.3 Comunidade.....	35
4.1.4 Concepção dos professores sobre a Educação do Campo	37
4.2 PLANEJAMENTO DOCENTE NA DISCIPLINA DE MATEMÁTICA	38
4.2.1 Conteúdos	38
4.2.2 Metodologias de Ensino	41
4.2.3 Avaliação	42

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	46
	APÊNDICES	48
	ANEXOS	69

1 INTRODUÇÃO

A Educação do Campo durante muito tempo foi deixada em segundo plano nos discursos sobre educação no Brasil. Um marco na retomada da luta por uma Educação do Campo de qualidade, pelo respeito a suas raízes culturais e pelo entendimento de suas singularidades, foi a *Primeira Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo* promovida em 1998 pelas instituições Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Universidade de Brasília (UnB), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Participaram desse evento educandos e educadores do MST, da agricultura familiar, dos indígenas, dos povos da floresta, dos ribeirinhos, quilombolas, dos sindicatos de trabalhadores rurais (ANHAIA, 2011 apud BRASIL, 2014). A Conferência surgiu como uma alternativa para ampliar a discussão sobre a educação no meio rural brasileiro (BRASIL, 2014, p.9).

Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo,

a Educação do Campo é uma política pública pensada, mediante a ação conjunta de governo e sociedade civil organizada. Caracterizada como o resgate de uma dívida histórica do Estado aos sujeitos do campo, que tiveram negado o direito a uma educação de qualidade, uma vez que os modelos pedagógicos ora marginalizavam os sujeitos do campo, ora vinculavam-se ao mundo urbano, ignorando a diversidade sociocultural do povo brasileiro, especialmente aquela expressa na prática social dos diversos sujeitos do campo (PARANÁ, 2006, p.9).

Em relação a como trabalhar a matemática escolar numa escola do campo, concordamos com D'Ambrósio (2005, p.42) quando afirma que: “reconhecer e respeitar as raízes de um indivíduo não significa ignorar e rejeitar as raízes do outro, mas, num processo de síntese, reforçar suas próprias raízes”. Para Ubiratan D'Ambrósio a matemática deve ser entendida nas suas várias dimensões: conceitual, histórica, cognitiva, epistemológica, política, cotidiana, educacional. Sua teoria permite trabalhar a matemática respeitando as especificidades da Educação do Campo e suas implicações didático-pedagógicas.

Uma ideia defendida por vários autores (BRASIL, 2014; PARANÁ, 2006; ALVES, 2009) é que a Educação do Campo permite trazer as riquezas do campo e da natureza para a sala de aula, cooperando e se envolvendo com o aprendizado

dos alunos, mostrando-lhes o quão importante e maravilhoso é o local onde eles moram.

Para quem não tem conhecimento sobre a legislação sobre a Educação do Campo pode ter a falsa impressão de ser apenas uma escola situada no campo, mas, a Educação do Campo, além de se encontrar no campo, segundo Antunes-Rocha e Martins (2009), também significa aprender com a terra, com o campo, os modos genuínos de olhar para a vida do homem em sintonia com a natureza. Além disso, significa conhecer diferentes modos de organização da sociedade e das lutas políticas, e ainda reconhecer o poder dos gestos, das cores, das imagens próprias do campo como saberes legítimos. Alves (2009), compreendendo que o campo é a realidade concreta do educando defende uma escola especial que leve em consideração o contexto onde ela se instala.

Em relação à formação docente de forma geral, Antunes-Rocha e Martins (2009) afirmam que a partir da metade do século XX (década de 1960), as pesquisas se direcionaram para a relação entre os processos de ensino e aprendizagem, procurando as melhores formas de ensinar. Destacam que a formação deva ser contínua, a fim de que o professor reflita constantemente sobre sua prática profissional.

Para ensinar os alunos do campo, além de conhecer os processos de ensino e aprendizagem, devemos conhecer a vivência¹ deles, conhecer como funciona a escola no campo relacionando com o aprendizado em sala de aula. Antunes-Rocha e Martins (2009) nos reforçam, apoiando-se em Rocha (2005) que para conhecer a história do campo, é preciso entender tempos, espaços, os sujeitos, os alunos.

A dificuldade para um professor que tem pouca convivência com o campo ensinar esses alunos pode ser maior do que o professor que teve experiência na luta pela produção rural e no campo, mas não quer dizer que seja impossível ensinar. Com base na Educação do Campo, Antunes-Rocha e Martins (2009) reforçam a importância de se trazer para a sala de aula as experiências dos alunos e também produzir materiais didáticos adequados à realidade do campo. Desta forma, o professor com o tempo passa a se familiarizar com o ambiente, utilizando métodos que lhe ajudarão no aprendizado no campo.

¹ Vivência definida como o “conhecimento adquirido através da experiência vivida. Não é lido, não é contado, é experimentado” (Dicionário Informal Online. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/vivência>).

Tendo como base a problemática anunciada, os primeiros questionamentos que nos ocorreram foram: Seria possível a matemática escolar usufruir do campo para auxiliar no aprendizado dos educandos? Como utilizar a matemática no campo, como ensiná-la para alunos que vivem no campo?

Antunes-Rocha e Martins (2009) ressaltam a importância dos trabalhos em grupo, sendo uma experiência de atividade no qual se procura construir juntos, um saber. No ensino na escola do campo, seria possível perceber nos trabalhos em grupo particularidades sobre a Educação do Campo?

Nesse sentido, seja no campo ou na cidade, as aulas de matemática se configuram como um lugar propício para o professor construir com os alunos materiais didáticos significativos e voltados para o contexto local para usar em suas aulas. A escola ainda pode ter uma sala especializada para essas produções, para oficinas, entre outros, que é chamada de Laboratório de Ensino da Matemática (LEM). Os alunos podem trazer materiais diversos que possuem em casa para a produção dos materiais manipuláveis, o que pode identificá-los com o campo e fazer relações com a matemática escolar. Além disso, na aula de matemática é importante que, para facilitar o aprendizado dos alunos, o professor faça relações com suas vivências, ligando as experiências com o conteúdo que está sendo estudado.

Conforme exposto anteriormente, a escola do campo possui suas especificidades que nem sempre são compreendidas e respeitadas. Quais as particularidades da escola do campo? Os professores de matemática relacionam a Educação do Campo com os conteúdos escolares?

Segundo Alves (2009) se o propósito da Educação do Campo é fixar o homem para o trabalho no campo, a escola deveria possuir: professores habilitados, materiais didáticos, currículos, calendário escolar e espaços pedagógicos incluídos as edificações escolares, apropriados. A fim de verificar essas particularidades, o presente trabalho procurou responder a seguinte questão norteadora da pesquisa: Há vestígios da ocorrência da Educação do Campo no ensino da matemática no Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella² conforme a legislação vigente?

²Para descrição do colégio usamos como base o PPP do colégio, que apresenta que o Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella – Ensino Fundamental e Médio está situado no Distrito Portão Ocoy, Município de Missal, estado do Paraná. Pertence ao Núcleo Regional de Ensino de Foz do Iguaçu. Até o ano letivo de 2010 era chamada de Escola do Campo. A partir desse ano, o Estabelecimento de Ensino passa a ofertar o Ensino Médio de forma gradativa, sendo assim chamada de Colégio do Campo. Os educandos caracterizam-se oriundos de famílias de baixa renda econômica, sendo os pais pequenos agricultores de onde tiram a sua subsistência.

Nas próximas sessões serão apresentados os objetivos gerais e específicos, a justificativa da escolha da pesquisa, a revisão bibliográfica, que consistirá no histórico da Educação do Campo, conceitos estruturantes da pesquisa, seguidas das análises e considerações finais.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Verificar se e como ocorre a Educação do Campo no Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella por meio da análise de vestígios na documentação escolar e no ensino da matemática.

1.1.2 Objetivos específicos

- Identificar nos documentos escolares, principalmente relacionados às aulas de matemática, vestígios da ocorrência dos princípios da Educação do Campo previstos nas diretrizes curriculares estaduais da Educação do Campo do estado do Paraná;
- Realizar entrevistas com os professores de matemática, pedagogos, diretor da escola investigada, verificando se os mesmos possuem experiência e/ou conhecimento sobre a ocorrência da Educação do Campo no Colégio pesquisado;
- Analisar cadernos de matemática dos alunos buscando vestígios da Educação do Campo na produção escolar dos mesmos.

1.2 JUSTIFICATIVA

Nasci e cresci em uma cidade de interior, morando no campo, onde estudei o Ensino Fundamental séries finais (5º à 8º série) em uma escola do campo (2004-2007), hoje Colégio Estadual do Campo Teotônio Villela. Após o término dos estudos continuei participando dos eventos promovidos pela mesma.

Ao cursar o ensino médio em outra escola, percebi que mesmo sendo da mesma cidade, as duas escolas que estudei tinham particularidades. Nas minhas lembranças da escola do campo, ajudávamos o cuidar da horta da escola, plantávamos árvores em volta de uma sanga da comunidade (figura 1), participávamos de eventos que levavam o nome da escola para outras cidades, visitávamos plantações, riachos, campos, o que não aconteceu, ou aconteceu raramente em escolas da cidade, devido ao local em que estava situada. Lembro-me

que meus professores sempre buscavam fazer relações entre o campo e os conteúdos escolares, como exemplificados na figura 2, uma atividade que envolveu as disciplinas de ciências, geografia e matemática, onde estudamos características dos alimentos orgânicos, região de produção, volume, entre outros.



Figura 1 - Reflorestamento Sanga Bonita (2004).

Fonte: arquivo pessoal do autor.



Figura 2 - Apresentação sobre alimentos orgânicos (2006)

Fonte: arquivo pessoal do autor.

Sempre admirei o trabalho de meus ex-professores da escola do campo. Agora, tendo mais acesso a teoria e a estudos de outros pesquisadores sobre a temática, possuo mais subsídios para verificar essas particularidades da escola do campo e se os professores de matemática relacionam a Educação do Campo com seus conteúdos, questão que muito me motiva por acreditar nessa modalidade de ensino.

Em consonância com meus objetivos pessoais, enquanto acadêmico de Licenciatura em Matemática na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Toledo (UTFPR- Câmpus Toledo), sempre houve a vontade de voltar para a escola e pesquisar singularidades entre a mesma e as escolas da cidade, focando principalmente: a relação professor-aluno, costumes, forma de ensinar, vivência dos alunos, comportamento, participação dos pais nas reuniões. Como pretendo me especializar futuramente nessa linha de pesquisa além de trabalhar/lecionar em escolas/colégios do campo, acredito ser importante, para minha formação e para a Educação Matemática mais pesquisa sobre a Educação do Campo e o ensino da matemática, muitas vezes marginalizada e ignorada pelo desconhecimento e falta de entendimento.

Percebi que seria relevante pesquisar sobre a Educação do Campo no Brasil, buscando indícios da sua real ocorrência no caso específico do Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella. Desta forma, esta pesquisa almeja contribuir para a formação dos futuros professores de matemática de tal forma que quando entrarem em uma sala de aula de uma escola do campo conheçam suas características e sua cultura escolar³, reconhecendo que ela possui especificidades que são tão importantes de se conhecer como em qualquer outra escola.

³Explicação sobre Cultura Escolar na página 30 deste trabalho.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nessa sessão serão apresentados o histórico da Educação do Campo, sua trajetória e suas conquistas até os dias de hoje, os conceitos estruturantes que embasaram a nossa pesquisa e também o que dizem os documentos oficiais sobre as características/particularidades da Educação do Campo. Os conceitos estruturantes e os documentos oficiais tiveram por finalidade mostrar as características de uma escola do campo e serviram como suporte para verificar as aproximações e distanciamentos do Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella, validadas nas análises das entrevistas, documentos escolares, caderno dos alunos e o colégio em geral.

2.1 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Somente cerca de meio século após o país ter se transformado em República, é que uma Constituição brasileira, a de 1934, vai tratar da Educação Rural, ainda não chamada de Educação do Campo (BRASIL, 2014, p.6).

Em 1937, foi criada a Sociedade Brasileira de Educação Rural, com o intuito de expandir o ensino e preservar a cultura do homem no campo, merecendo destaque o elevado número de analfabetos. Após a Segunda Guerra Mundial, foi criada a Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais na qual a educação se desenvolvia com o objetivo de proteção e assistência ao camponês, o qual era tratado como carente, subnutrido, pobre e ignorante (PARANÁ, 2006, p.17).

A partir da segunda metade do século XX, começam a surgir movimentos sociais do campo, que passaram a aprender que a luta pela terra era apenas o início da mobilização, porque ela poderia garantir o sustento e produção de vida. Porém, outras demandas foram se tornando presentes. Dessa forma a educação e a escolarização dos trabalhadores do campo e seus filhos passaram a integrar a pauta dos movimentos sociais do campo (BRASIL, 2014, p.8).

Em consequência da nova constituição aprovada em 1988, outras leis foram discutidas e decretadas, como por exemplo, a LDB de 20 de dezembro de 1996. Essas leis levaram ao repensar sobre a educação dos trabalhadores do campo (BRASIL, 2014, p.7) desta forma a educação começou a se destacar como um direito de todos (PARANÁ, 2006, p.18).

Mesmo com esses avanços na legislação educacional, a realidade das escolas para a população rural continuava precária (PARANÁ, 2006, p.18). Alves (2009, p.43) apresenta alguns dos problemas das escolas do campo apontados na II Conferência Nacional por uma Educação do Campo, entre eles, inexistência de escolas para atender a todas as crianças e jovens, falta de infraestrutura nos estabelecimentos, falta de verbas e alto índice de analfabetismo no campo.

O artigo 28 da LDB reconhece a especificidade do campo:

Art. 28º. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, p.11).

Mesmo com esses avanços na legislação educacional, a realidade das escolas para a população rural continuava precária, seja em condições materiais dentro de sala, na escola como um todo, transportes, materiais didáticos (PARANÁ, 2006, p.18).

Em 1997, houve um marco na retomada da luta por uma Educação do Campo de qualidade, pelo respeito a suas raízes culturais e pelo entendimento de suas singularidades. Foi realizado o I Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (I ENERA), organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com apoio de outras entidades, no qual foi lançado um desafio: pensar a educação pública a partir do mundo do campo (PARANÁ, 2006, p.19; BRASIL, 2014, p.8).

Num movimento de base, as escolas do campo espalhadas nos mais diferentes recantos desse país e influenciadas pelo contexto de mobilização vivido estavam realizando práticas que buscavam associar o processo educativo aos interesses dos trabalhadores do campo (BRASIL, 2014, p.8).

Em agosto de 1997, iniciaram-se as discussões preparatórias para a I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, que viria a ser realizado um ano após o ENERA, em julho de 1998 (PARANÁ, 2006, p.19; BRASIL, 2014, p.9).

O debate sobre a compreensão de campo trouxe a perspectiva de que campo é mais do que lugar de plantar ou de criar animais para suprir a alimentação

da humanidade (BRASIL, 2014, p.11), mas também é um locus social privilegiado da vida social e econômica.

A partir de então, o poder público passou a reconhecer a necessidade de pensar uma legislação específica de educação aos povos do campo. Foram aprovadas em 2002 no Conselho Nacional de Educação, por meio da Câmara de Educação Básica, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (PARANÁ, 2006, p.19; BRASIL, 2014, p.12). A partir das discussões sobre as Diretrizes Operacionais, foi proposta a utilização do termo Educação do Campo:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2002, p.1).

Ainda no plano das ações em parceria entre os diferentes movimentos e instituições ligadas aos trabalhadores do campo, houve em julho de 2004, a realização da II Conferência Nacional por uma Educação do Campo, contando com mais de mil participantes, representando cerca de 40 entidades (BRASIL, 2014, p.12).

No estado do Paraná, começou a se pensar na educação para o sujeito do campo a partir de 1990:

foi criado pelo governo estadual, na gestão 1992-1994, o *Programa Especial Escola Gente da Terra*, que tinha como propósito 'dar um atendimento específico e diferenciado' aos povos do campo, das áreas indígenas, dos assentamentos e aos assalariados rurais, no nível do Ensino Fundamental e da alfabetização de jovens e adultos (PARANÁ, 2006, p.20).

Segundo as DCEC (PARANÁ, 2006, p.21), a partir de 2000, após vários encontros e reuniões, foi criada a Articulação Paranaense por uma Educação do Campo, que definiu uma pauta de reivindicações para a semana de lutas pela agricultura. Entre as reivindicações, estava a criação de um departamento específico para a Educação do Campo, na Secretaria do Estado da Educação, atendida em 2002 com a criação da Coordenação da Educação do Campo na Secretaria do Estado da Educação (SEED).

Desde então, a Educação do Campo passou a ter um espaço de articulação entre o poder público e a sociedade civil organizada. Foram realizados dois seminários de Educação do Campo no Estado, em que estiveram presentes os

sujeitos coletivos da Articulação Paranaense por uma Educação do Campo, entre outros (PARANÁ, 2006, p.22).

2.2 CONCEITOS ESTRUTURANTES

Nesta sessão definimos conceitos que estruturaram a pesquisa, entre eles: a concepção sobre o Campo e Educação do Campo; relações entre Educação do Campo e etnomatemática e as contribuições da etnomatemática para o ensino da matemática nas escolas do campo.

2.2.1 Campo e Educação do Campo

Apesar de parecer ter o mesmo significado, o termo “rural” e “campo” possuem concepções diferentes. Segundo as DCEC (PARANÁ, 2006, p.24), o termo campo é pensado como um lugar de vida, lugar de trabalho, de cultura, da produção de conhecimento na sua relação de existência e sobrevivência, valorizando-os como sujeitos que possuem laços culturais e valores relacionados à vida na terra enquanto o termo rural é pensado a partir de uma lógica economicista, representa uma perspectiva política presente nos documentos oficiais, que historicamente fizeram referência aos povos do campo como pessoas que necessitam de assistência e proteção, na defesa de que o rural é o lugar do atraso.

A escola do campo, assim como toda a escola possui suas singularidades. Alves (2009) defende uma escola diferente para o campo e que para entendermos como esta funciona, precisamos conhecê-la.

Entre as características da Educação do Campo que se pretende construir, as DCEC (PARANÁ, 2006, p.28) citam a *Concepção de Mundo*, onde o ser humano é sujeito da história, não está colocado no mundo, mas ele é o mundo, faz o mundo, faz cultura. Em seguida fala sobre a *Concepção de escola*, pois os povos do campo querem que a escola seja o local que possibilite a ampliação dos conhecimentos do campo. Em relação à *Concepção de conteúdos e metodologias de ensino*, os conteúdos escolares são selecionados a partir do significado que têm para determinada comunidade escolar, os quais requerem procedimentos de investigação por parte do professor. E por último, mas não menos importante, a *Concepção de avaliação*, a qual é processo contínuo e realizado em função dos objetivos propostos para cada momento pedagógico, seja bimestral, semestral ou anual.

A concepção de Educação do Campo presente nas diretrizes estaduais enfatiza que para a Educação do Campo, “objetiva-se que o estudo tenha a investigação como ponto de partida para a seleção e desenvolvimento dos conteúdos escolares” (PARANÁ, 2006, p.31). Desta forma, quando for apresentado o conteúdo para os alunos no ensino na sala de aula, os mesmos já estariam familiarizados com o contexto em que este seria trabalhado. Outro aspecto relevante em relação ao ensino é: “buscar-se a levantar questões, dúvidas problemas dos educandos, para em seguida introduzir novos saberes” (Antunes-Rocha e Martins, 2009, p.81).

2.2.2 Educação do Campo e Etnomatemática

A expressão Etnomatemática foi utilizada pela primeira vez por D'Ambrosio. Apesar de parecer, a etnomatemática não fica presa somente a etnia, tendo um significado muito mais amplo. Para o autor

Etnomatemática é a matemática praticada por grupos culturais, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de certa faixa etária, sociedades indígenas e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns aos grupos (D'AMBROSIO, 2005, p.9).

Percebemos então que a etnomatemática é muito útil no ensino da matemática nas escolas do campo, pois leva os professores a valorizar a vivência dos alunos e o conhecimento que já possuem como auxílio para o aprendizado. É claro que devemos ter cuidado com atividades que possam “apenas parecer” trabalhar com o conhecimento do campo. Para o Pnaic, “quando apontamos para a necessidade de incorporarmos a cultura dos alunos em nossas práticas pedagógicas, não significa criarmos ‘probleminhas’ ruralizantes” (BRASIL, 2014, p.24).

Ao visitar um colégio, e depois ir para outro, e em seguida ir para uma escola do campo ou para uma escola indígena, entre tantos outros locais/colégios percebe-se que os modos de vida são diferentes. D'Ambrosio (2005, p.35) cita um exemplo: “Os esquimós no Círculo Polar Ártico quando estão procurando se nutrir, não podem pensar em plantar e, portanto, não desenvolveram agricultura. Dedicaram-se então a pesca. Logo, eles têm que saber qual a boa hora de pescar”.

Assim funciona com o ensino, o aluno sempre vai trazer consigo uma carga de conhecimento que ele adquire no local onde ele vive. Seja nos costumes da

família, o ambiente, a comunidade em geral. D'Ambrosio (2005, p.42) nos diz que o aluno passa alguns anos adquirindo raízes e que quando chega à escola, normalmente ocorre um processo de aprimoramento das raízes adquiridas, sendo algumas delas substituídas/superadas dependendo de como ocorrer o aprendizado. Quando pensamos na etnomatemática, devemos praticá-la buscando as características do aluno, “isso não implica em romper com questões teóricas, mas sim permitir a conexão dessas com os saberes das práticas/vivências de cada comunidade” (BRASIL, 2014, p.30).

Percebemos que com a etnomatemática⁴, estamos levando para os alunos o aprendizado que lhes é de direito, uma vez que alunos que estudam em determinado local podem ter aprendido algo que em outro local se torna inviável (como o exemplo de D'Ambrosio citado anteriormente), pois muitas vezes “a matemática tem sido um instrumento selecionador de elites” (D'AMBROSIO, 2005, p.77), quando deveria ser utilizada para melhorar a qualidade de vida dos mesmos, fazer-lhes pertencer ao local onde vivem, pois de fato, “o aluno é mais importante que programas e conteúdos” (D'AMBROSIO, 2005, p.86).

2.3 O QUE DIZEM AS DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DO ESTADO DO PARANÁ?

As DCEC (PARANÁ, 2006, p.35) apresentam quatro eixos temáticos, os quais apontam sugestões de conteúdos que juntamente com as alternativas metodológicas, sendo que estes serviram de base para a pesquisa realizada no intuito de comparar as aproximações e distanciamentos entre o que é feito na escola e o que está presente nas diretrizes estaduais.

O primeiro eixo é *Trabalho: divisão social e territorial*. O trabalho está presente no cotidiano dos moradores do campo. O cuidado com plantio e colheita, criação de animais, plantação e cuidado de árvores frutíferas, hortaliças e muitos outros são atividades que fazem parte do seu dia a dia.

⁴ Um trabalho realizado recentemente sobre as concepções de professores sobre a Educação do Campo é a tese de Línlya N. S. C. de Barbosa: **Entendimentos a respeito da matemática na educação do campo**: questões sobre currículo. Outro recente trabalho sobre como ocorre o ensino da matemática nas Escolas Estaduais do Campo do Município de Cascavel usando como base teórica para essa verificação as DCEC (PARANÁ, 2006) é **Ensino da matemática nas escolas do campo de Cascavel-PR: Articulação entre matemática e cotidiano discente**, de Jaqueline Z. da S. Cruz e Maria L. S. Szymanski.

Segundo as DCEC (PARANÁ, 2006, p.35), o trabalho é atividade humana que gera transformação humana e territorial, e estudar as atividades dos povos do campo é uma forma de aprofundar o conceito de trabalho e compreender as relações socioterritoriais.

Com o intuito de verificar conteúdos trabalhados a partir desse eixo na escola do campo, podemos observar como funciona a escola como um todo, “pois a própria lógica da divisão do trabalho na escola pode ser explorada com as crianças” (PARANÁ, 2006, p.36). Além disso, atividades e conteúdos relacionados com os alimentos produzidos, quantidade e qualidade, a divisão de terras, entre outros, podem ser encontrados nas atividades de matemática (e de outros conteúdos) dos alunos. “A partir de investigações sobre alimentos consumidos (pelos alunos, vizinhança da escola, etc.), é possível estudar a divisão territorial do trabalho, a produção e a circulação de mercadorias” (PARANÁ, 2006, p.37).

O segundo eixo trata da *Cultura e identidade*. As DCEC (PARANÁ, 2006, p.37) partem do princípio que cultura é entendida nesse contexto, como toda produção humana que se constrói a partir das relações do ser humano com a natureza, com o outro e consigo mesmo. No campo, podemos encontrar vários exemplos, os modos de vida, costumes, relações de trabalho, de diversão, festas, são alguns deles. É indispensável que o aluno perceba que ele é importante para a comunidade onde ele está localizado.

É interessante que o professor faça ligações entre essas relações e os conteúdos ensinados. Podem-se realizar atividades que tratem de troca de produtos, favores, trabalho no campo sendo que “esses conteúdos culturais devem estar presentes nas práticas pedagógicas, pois são eles que fazem a escola ter um sentido na formação dos alunos” (PARANÁ, 2006, p.37) e assim o aluno se sinta importante no lugar onde vive.

O próximo eixo é *Interdependência campo-cidade, questão agrária e desenvolvimento sustentável*. Segundo as DCEC (PARANÁ, 2006, p.40), a interdependência campo-cidade pode ser problematizada a partir das atividades cotidianas e das necessidades sociais básicas, como alimentação e água potável. Os alunos podem trazer contas de água, preços de produtos e outros dados para trabalhar nas aulas de matemática, podendo também “debater sobre a caracterização dos estados brasileiros e de seus municípios” (PARANÁ, 2006, p.40).

É importante para os alunos o estudo interdependência campo-cidade, pois “a partir dele, serão identificados e analisados os tipos de relações culturais, econômicas, políticas e sociais que marcam e demarcam os diversos municípios do Estado” (PARANÁ, 2006, p.42).

O quarto eixo trata da *Organização política, movimentos sociais e cidadania*, a qual para as DCEC (PARANÁ, 2006, p.43) é mais do que falar de partidos políticos, de representantes políticos, de processos eleitorais. É valorizar a organização da população brasileira, na cidade ou no campo. Ele se dá no âmbito escolar, nas características da gestão, que pode ser mais democrática ou mais autoritária.

A presença da comunidade na qual a escola se encontra é importante para a mesma, pois influencia na sua gestão. “No ambiente escolar, a organização de familiares ou pais e mães dos alunos, dos estudantes, dos funcionários, dos professores indicam formatos políticos, apresenta demandas, faz denúncias em torno das políticas públicas” (PARANÁ, 2006, p.43).

O urbano e o campo são diferentes movimentos sociais que reivindicam direitos e é nesse eixo que o professor poderá analisar com os alunos as condições existenciais dos sujeitos, compreender os enfrentamentos políticos e as lutas sociais, na história (PARANÁ, 2006, p.44).

Nas DCEC (PARANÁ, 2006, p.44) a organização dos saberes escolares deve ter como princípios pedagógicos a investigação e interdisciplinaridade e nos apresenta algumas alternativas metodológicas. Estas alternativas nos auxiliarão na verificação no colégio em questão, buscando encontrar as particularidades de uma escola do campo.

Segundo as DCEC (PARANÁ, 2006, p.44), os saberes escolares localizam-se em dois planos: os saberes da experiência trazidos pelos alunos e os saberes da experiência trazidos pelos professores somados aos específicos de cada área do conhecimento e aos gerais.

É importante pensarmos em como deve ocorrer o ensino na sala de aula para uma escola do campo. As DCEC (PARANÁ, 2006, p.44) citam que para que se efetive a valorização da cultura dos povos do campo na escola, é necessário repensar a organização dos saberes escolares, isto é, os conteúdos específicos a serem trabalhados.

As DCEC (PARANÁ, 2006, p.44) apresentam duas formas de como pode se dar essa reorganização. Uma delas ocorre nas disciplinas da Base Nacional Comum⁵, onde poderemos observar a articulação dos conteúdos sistematizados com a realidade do campo.

Verificar se “os conteúdos culturais dos povos do campo estão presentes nas disciplinas, se os saberes dos povos do campo integram os currículos das disciplinas, são formas de investigar” (PARANÁ, 2006, p.45) se a Educação do Campo está presente na sala de aula da escola do campo.

Sobre a segunda forma, apresentam que:

[...] ocorre pela criação de disciplinas para compor a parte diversificada da matriz curricular. [...] Porém, é importante salientar que a implementação da Educação do Campo não vai ocorrer apenas com a criação de várias disciplinas na parte diversificada, [...] é fundamental garantir que a realidade do campo, com sua diversidade, esteja presente em toda a organização curricular (PARANÁ, 2006, p.45).

Para a elaboração de encaminhamentos metodológicos, a pesquisa é um dos caminhos sugeridos pela DCEC (PARANÁ, 2006, p.47), podendo se dar no plano individual ou coletivo, requer observação, experimentação, reflexão, análise, sistematização e estudos para aprofundamento teórico.

Outro fator em destaque é que: “o envolvimento dos professores das áreas do conhecimento garantirá a qualidade de ‘aproximação’ disciplinar, num primeiro momento e depois a interdisciplinaridade” (PARANÁ, 2006, p.47). As atividades envolvendo a realidade do aluno devem ser relacionadas com os conteúdos específicos, pois senão de nada valerá essas atividades, estarão isoladas e não influenciará no aprendizado.

As DCEC (PARANÁ, 2006, p.48) citam alguns exemplos de projetos, por relatos de professores, que podem ser ligados com os conteúdos específicos: horta escolar, jardinagem, alimentação saudável, remédios caseiros, plantio de mata ciliar, etc.

É preciso que a escola como um todo pense na relação professor, aluno, conteúdos e a comunidade, pois “a organização dos saberes escolares pode seguir diferentes encaminhamentos metodológicos, desde que haja clareza de qual é a concepção de Educação do Campo que se quer desenvolver” (PARANÁ, 2006, p.49).

⁵ <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>

Em relação à organização do tempo e do espaço escolar as DCEC sugerem que seja explorada a realidade do aluno para fins de educação e apontam a necessidade de se observar cada detalhe. “A roça, a mata, os rios ou o mar, as associações comunitárias, etc., são lugares educativos que, às vezes, justamente por causa do contato diário, passam despercebidos, esquecidos no momento da elaboração dos planejamentos de ensino” (PARANÁ, 2006, p.49).

A reorganização dos tempos escolares requer planejamento, pois atividades diferenciadas, fora da sala de aula, podem levar mais tempo do que as normalmente trabalhadas em sala. “Uma aula na mata, na ilha, no acampamento, no assentamento, na associação comunitária, na roça ou na cooperativa, dentre tantos outros lugares, pode levar uma manhã toda” (PARANÁ, 2006, p.49).

Outra observação que pode ser feita na escola é verificar se os documentos possuem informações que leva a ocorrência da Educação do Campo, uma vez que

Para que a escola proponha tempos diferentes, é preciso que o projeto político-pedagógico seja coerente em seus princípios pedagógicos, que cada planejamento de ensino explicita os objetivos, as articulações entre disciplinas, os conceitos a serem desenvolvidos com os alunos. Caso contrário, a prática poderá se tornar apenas uma visita a outro ambiente que não a sala de aula, não atingindo os objetivos de uma educação crítica (PARANÁ, 2006, p.49).

A DCEC ressalta que é necessário estar em constante pesquisa, encontrando alternativas metodológicas que nos levam à realidade vivida pelos alunos, que eles se sintam em casa quando entram na sala de aula, e que suas experiências no dia a dia possam ser sistematizadas nos conteúdos das disciplinas da Base Nacional Comum e também em disciplinas específicas para a Educação do Campo.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Pela natureza dos dados optamos por uma abordagem qualitativa e pela coleta de informações no ambiente de interesse, ou seja, o Colégio Estadual do Campo Teotônio Villela⁶.

3.1 O CONTEXTO DA ESCOLA INVESTIGADA

O colégio onde realizamos a pesquisa chama-se Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella – Ensino Fundamental e Médio e está situado no Distrito Portão Ocoí, Município de Missal, Estado do Paraná. Devido a sua localização é considerado núcleo escolar e recebe alunos das localidades de Cabeceira do Cedro, Linha São Sebastião, Linha São José dos Pinhais, Linha Sbabo, Assentamento Formiga, Jacutinga, São Sebastião, Sanga Seca, Médio Rio Branco.

As atividades de ensino deste estabelecimento iniciaram com as séries iniciais do Ensino Fundamental, mantida pela Prefeitura Municipal, em 1965 e recebia o nome de Escola Olavo Bilac, nome dado em homenagem ao nobre poeta brasileiro.

Em 1974, com novo prédio escolar, foi fundada como Grupo Escolar Municipal Olavo Bilac. Em 1982, a escola, foi autorizada a funcionar com as quatro séries finais do 1º Grau sendo implantado gradativamente as demais, e em 1986 o curso de 1º Grau foi reconhecido pela Resolução Nº 1702/86 publicado no Diário Oficial de 14 de abril de 1.986, recebendo então a denominação Escola Municipal Olavo Bilac – Ensino de 1º Grau

A partir do Reconhecimento do curso de 1º grau, foram municipalizadas as séries iniciais do Ensino Fundamental. Estas passaram a ser mantidas pela prefeitura, denominando-se assim Escola Municipal Olavo Bilac Educação Infantil e Ensino Fundamental. E as séries finais do Ensino Fundamental passaram a ser mantidas pelo Governo do Estado do Paraná denominando-se Escola Estadual Teotônio Vilella Ensino Fundamental. As duas escolas, portanto, ocupam em turnos diferentes o mesmo prédio escolar.

⁶ Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da UTFPR cujo número de registro é 48885615.4.0000.5547. Os termos de assentimento e consentimento encontram-se nos anexos.

O Estabelecimento de Ensino foi autorizado a funcionar pela Resolução Nº 216/86 publicada no Diário Oficial em 15/01/1986 e foi reconhecido pela Resolução Nº 770/88 publicada no diário oficial em 28/03/1988. A partir do ano letivo de 2010, o Estabelecimento de Ensino passa a ofertar o Ensino Médio de forma gradativa.

Os educandos caracterizam-se por ser oriundos de famílias de baixa renda econômica, sendo os pais pequenos agricultores de onde tiram a sua subsistência e no período noturno temos educandos adultos que haviam somente terminado o Ensino Fundamental e com a oportunidade próxima de suas residências retornaram aos estudos.

O Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella Ensino Fundamental e Médio aponta para uma filosofia de trabalho educacional a formação do cidadão consciente, crítico e autônomo, envolvido com o próprio desenvolvimento e com o da comunidade, preparado para a vida e seus desafios.

3.2 ABORDAGEM QUALITATIVA, INSTRUMENTOS E UNIDADES DE ANÁLISE

Segundo Denzin e Lincoln (2006) a pesquisa qualitativa tem como principal característica buscar dar sentido ou interpretar os fenômenos de acordo com os significados que as pessoas trazem para eles.

Para Duarte (2004) o que dá o caráter qualitativo não é necessariamente o recurso de que se faz uso, mas o referencial teórico/metodológico eleito para a construção do objeto de pesquisa e para a análise do material coletado no trabalho de campo.

A modalidade de pesquisa utilizada neste trabalho foi o estudo de caso cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente (TRIVINÓS, 1987). Esse estudo pode ser simples e específico, como o de uma professora competente de uma escola pública, ou complexo e abstrato, como o das classes de alfabetização ou do ensino noturno (LÜDKE; ANDRÉ, 2005).

Marli André (2008), com base em Merriam (1988), define quatro características para um estudo de caso qualitativo: particularidade, segundo ela, porque o estudo de caso focaliza em algo particular; descrição porque o produto final de um estudo de caso é uma descrição densa do fenômeno em estudo. Os dados na descrição podem ser expressos em palavras imagens, figuras, etc.; heurística significa e os estudos de caso iluminam a compreensão do leitor sobre o fenômeno

estudado, podendo revelar a descoberta de novos significados, estender a experiência do leitor ou também confirmar o já conhecido; e por último, mas não menos importante, a indução, que significa que em grande parte, os estudos de caso se baseiam na lógica indutiva.

Marli André (2008) também apresenta três fases que caracterizam o desenvolvimento dos estudos de caso:

- Fase exploratória: é o momento onde se define as unidades de análise, confirma as questões iniciais, estabelece os contatos iniciais para entrada em campo, localiza os participantes e estabelece mais precisamente os procedimentos e instrumentos de coleta de dados;
- Fase de delimitação do estudo e de coleta de dados: Não é possível explorar todos os ângulos do fenômeno num tempo razoavelmente limitado. Com base em Bassey (2003, p.81) Marli André (2008) apresenta três grandes métodos de coleta de dados: fazer perguntas, observar eventos e ler documentos. Explica ainda que é necessário ouvir atentamente e prestar atenção no que acontece quando se faz a coleta de dados;
- Fase de análise sistemática dos dados e de elaboração do relatório: segundo ele, é importante organizar o material coletado, separar em diferentes arquivos, segundo fontes de coleta, ou em ordem cronológica. Em seguida ler e reler todo o material identificando os pontos relevantes e iniciar o processo de construção das categorias de análise, podendo usar uma forma de codificação, sendo letras, cores de canetas, etc. E então reexaminar as categorias, recorrendo aos fundamentos teóricos, estabelecendo conexões e relações que permitam apontar as descobertas do estudo.

Com base no exposto anteriormente, os instrumentos de coleta de dados desta pesquisa foram: observação do espaço escolar, entrevistas semiestruturadas e análise documental. A observação do espaço escolar (pátio, salas, horta, comunidade em geral) ocorreu no segundo semestre de 2015, na primeira quinzena do mês de outubro.

Concomitantemente as observações, realizamos entrevistas semiestruturadas com o professor de matemática do ensino fundamental séries finais, com o pedagogo e com o diretor do colégio. Como critério de inclusão, os entrevistados deveriam estar trabalhando mais de quatro anos na escola. Foram

excluídos da entrevista os professores que estiveram afastados por mais de seis meses de suas funções no ano da realização da pesquisa. Foi elaborado um roteiro para a entrevista (apêndice A) conforme os objetivos da investigação. Segundo Duarte (2004) entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados.

Os principais documentos analisados foram as diretrizes curriculares da Educação do Campo do Estado do Paraná (2006), os documentos do colégio (PPP, Plano de Trabalho Docente (PTD) da disciplina de Matemática) e materiais dos alunos (cadernos de matemática do ano anterior ao estudo). Para análise dos cadernos utilizamos os trabalhos de Gvirtz (2009) que discorrem sobre a relação entre o currículo prescrito e o currículo ensinado através da análise dos cadernos dos alunos. Para Gvirtz (2009, p.25):

O caderno é um espaço de interação entre professor e aluno, uma arena na qual se enfrentam cotidianamente os atores do processo de ensino-aprendizagem e onde, portanto, é possível vislumbrar os efeitos desta atividade: a tarefa escolar. A favor da eleição deste objeto se encontra o fato de todos os dias, em quase todas as horas de aula, alunos e professores levam a cabo um minucioso processo de escrituração cujos âmbitos de registro não podem desconsiderar o caderno e a lousa. Assim, o caderno constitui um campo significativo para observar os processos históricos e pedagógicos da denominada “vida cotidiana da escola”, nem tanto no que tange as relações de poder interpessoal mas, e sobretudo, no que concerne a produção de saberes.

Partindo da caracterização de cadernos escolares proposta por Gvirtz, analisamos cadernos dos alunos regularmente matriculados no ano de 2014, sendo um do 6º ano, um do 7º ano, um do 8º ano e um do 9º ano. Excluímos os cadernos dos alunos que reprovaram por nota e/ou frequência no ano de 2014. Desta forma este instrumento é fonte privilegiada para confrontar com as entrevistas e os documentos escolares e desta forma compreender se e como ocorre a Educação do Campo na escola investigada.

As análises respeitaram algumas categorias pré-estabelecidas conforme explicitadas nas DCEC de tal forma que deem sentido a questão de pesquisa proposta, mas procuramos dar “espaço para a emergência do novo” (DUARTE, 2004) com o objetivo de não excluir um dado relevante que não estava previsto no projeto.

Após a leitura e a releitura dos documentos oficiais da escola, das DCEC das entrevistas transcritas e dos cadernos dos alunos as categorias de análise que emergiram dos documentos foram apresentadas no quadro 1.

Categorias	Subcategorias
A) CULTURA ESCOLAR DA ESCOLA DO CAMPO	A1) Espaço Escolar; A2) Organização Política, Movimentos Sociais e Cidadania; A3) Comunidade; A4) Concepção dos professores sobre a Educação do Campo.
B) PLANEJAMENTO DO TRABALHO DOCENTE NA DISCIPLINA DE MATEMÁTICA	B1) Conteúdos; B2) Metodologias de Ensino; B3) Avaliação.

Quadro 1 - Categorias de análise de dados

Fonte: fonte própria do autor.

4 O QUE AS FONTES REVELAM SOBRE A ESCOLA DO CAMPO TEOTÔNIO VILELLA?

Utilizando as categorias de análise construídas durante o percurso de sistematização do trabalho de conclusão de curso, nesta sessão foram realizadas as análises da escola do campo investigada com base nas fontes de pesquisa já mencionadas.

4.1 CULTURA ESCOLAR DA ESCOLA DO CAMPO

De acordo com Julia (2001, p.10 -11), a cultura escolar é concebida:

[...] como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores (grifo do autor).

Já Diana Vidal (2005, p.19) compreende a cultura escolar “como constituída pela apropriação criativa de modelos, baseada na relação entre determinantes sociais e históricas e as urgências próprias da organização e do funcionamento escolares”. Partindo desse entendimento sobre cultura escolar é que materializamos nossas análises nos subitens a seguir.

4.1.1 Espaço Escolar

Alves (2009) afirma que se o propósito da Educação do Campo é fixar o homem para o trabalho no campo, a escola deve possuir, entre outros fatores, um espaço escolar que caracterize a escola no campo, estrutura apropriada para a preparação dos alunos para a vida no campo. Segundo as DCEC, os povos do campo querem que a escola seja o local que possibilite a ampliação dos conhecimentos do campo, como a horta escolar, alimentação saudável, remédios caseiros, plantios, etc. Segundo o diretor da escola, a horta escolar é um bom exemplo disso, onde os alunos do colégio ajudam na plantação e cultivo das plantações, cultivam desde as mais diversas saladas até mandioca e outros

alimentos. O cultivo da horta (figura 3) faz parte do programa Mais Educação⁷, que é um projeto trabalhado dentro do governo estadual a partir de 2014, específico para a questão do campo.



Figura 3 - Horta onde os alunos auxiliam no cultivo de plantas e verduras (2015)

Fonte: Acervo do autor.

Outro enfoque do programa é o chamado artesanato regional coordenado por uma professora do colégio, moradora da comunidade. Sobre o artesanato a professora de matemática nos diz que

tudo aquilo que faz parte da memória, que os nossos avós, nossas famílias faziam de objetos, de utensílios dentro de casa para uso da família vai também para a oficina e para o trabalho de artesanato onde eles produzem os panos de prato, crochês, tricôs, roupas e uma série de outras atividades que são feitas com a visão da Educação do Campo” (ENTREVISTA C, 2015).

Segundo a professora de matemática e a pedagoga, os materiais criados nas aulas de matemática e nas outras disciplinas geralmente são confeccionados em sala e em seguida exposto no saguão para as demais turmas conforme figura 4.

⁷ O Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação em tempo Integral.



Figura 4 - Materiais (produzidos pelos alunos) em exposição no colégio

Fonte: Coordenação do colégio.

As DCEC citam sobre a importância das atividades realizadas fora da sala de aula, o campo, rios, acampamento, entre outras atividades, que não podem passar despercebidas, o que pode acontecer por causa do contato diário dos alunos com esses lugares. Pensando nessas atividades, a escola realiza intercâmbios com outros colégios também na modalidade de Educação do Campo. Segundo os entrevistados, todo ano é comemorado o dia do estudante com outro colégio do campo. No período da manhã é trabalhada a questão cultural, onde os alunos fazem apresentações, conhecem o colégio, visitam os locais próximos e no período da tarde são realizadas atividades esportivas (figura 5).



Figura 5 - Dia do Estudante - Intercâmbio com outro colégio do campo (2015)

Fonte: Coordenação do colégio.

Os trabalhos realizados no campo são sempre valorizados pelo colégio. Os mesmos são expostos em cartazes (figura 06) pelo colégio, sempre buscando valorizar a Educação do Campo.



Figura 6 - Cartaz expondo as atividades realizadas no campo (2015)

Fonte: Coordenação do colégio.

Segundo as DCEC, o colégio situado no campo possui como uma característica o calendário escolar seguindo as temporadas de plantio e colheita, evitando assim a ausência dos alunos na escola. Verificamos no PPP⁸ do colégio que o mesmo segue o calendário oficial (governo do estado), porém, quando há épocas de intenso trabalho na agricultura, o diretor informa que são feitos ajustes quanto a provas, trabalhos, atividades, mas sem alterar o calendário anual.

⁸ Segundo o diretor da escola o PPP está sendo reformulado. Para esta investigação utilizamos a última versão disponível no momento da investigação.

O espaço escolar não se limita a sala de aula, é muito mais rico. As aulas acontecem em sintonia com o meio ambiente, com os modos de vida do aluno e o aluno se torna importante para o espaço escolar, o espaço feito para ele e para sua formação.

4.1.2 Organização Política, Movimentos Sociais e Cidadania

Quando se fala em Educação do Campo, pensa-se em formar o homem para o campo, torná-lo um cidadão. Para isso o colégio deve possuir uma estrutura que mostre para o aluno a importância dele para o meio em que ele vive. É importante que a escola possua uma gestão alinhada com seus objetivos, que pode ser mais democrática ou mais autoritária.

Quando perguntado sobre a organização política do colégio, os entrevistados falaram que as decisões são sempre feitas em grupo. O diretor cita o plano disciplinar (anexos), construído com os professores e discutido em assembleia com estudantes e pais e em seguida aprovado e colocado em vigor. Todo ano o plano disciplinar é revisto e atualizado. O PPP (2015) apresenta que

a gestão da escola é traduzida como um ato político, porque implica sempre uma tomada de posição dos atores sociais. Assim sendo, sua construção não pode ser individual, mas coletiva, envolvendo os diversos atores na discussão e na tomada de decisões (PARANÁ, 2015, p. 34).

A fim de promover a organização dentro de sala de aula e preparar os alunos para a sociedade, a sala de aula foi planejada (figura 7), segundo o diretor, como um grupo de trabalho, onde a turma é dividida em equipes de quatro estudantes para as aulas, um aluno é o coordenador. Cada turma possui dois líderes, um menino e uma menina e dois professores, eleitos pela classe escolar. Os grupos e o coordenador mudam a cada trimestre, o que na para o diretor estará contribuindo para a formação de lideranças, para se trabalhar no coletivo, um diferencial na formação desse aluno na luta por seus direitos de cidadão.



Figura 7 - Sala de aula dividida em grupos para as aulas

Fonte: Coordenação do colégio.

A participação dos alunos é muito importante, porque é por eles e para eles que o colégio existe. Para o diretor é muito gratificante ver os alunos saírem do colégio e ingressarem em grandes universidades, e também vários alunos que vão para o colégio agrícola:

Todos os anos temos enviado três/quatro alunos para o colégio agrícola em Foz (neste ano foram quatro), de onde tem saído grandes técnicos agrícolas. Um plano futuro é a criação de um pós-médio em agricultura familiar, tendo um espaço próprio para plantios, criação de animais, a fim de que no futuro o aluno aplique o conhecimento dele na comunidade e se torne um cidadão presente nela” (ENTREVISTA A, 2015).

Para os entrevistados, ver os alunos saírem da sala de aula e permanecer no campo é um fato que motiva cada vez mais a lutar pelo campo. Porém veem uma dificuldade quanto ao apoio do governo na identificação como um colégio do campo. O diretor diz que muitas vezes são vistos como um colégio qualquer, não como um colégio do campo, mas a busca pelo reconhecimento nunca acaba.

4.1.3 Comunidade

O que não podemos negar é que é fundamental o apoio da comunidade na qual o colégio está inserido. Segundo as DCEC, a participação dos pais e familiares, da comunidade em geral é fundamental para o funcionamento do colégio. É indispensável que o aluno perceba que ele é importante para a comunidade onde ele está localizado. O PPP (2015) do colégio tem por filosofia de trabalho educacional a formação do cidadão consciente, crítico e autônomo, envolvido com o

próprio desenvolvimento e com o da comunidade e cita que a presença da família no espaço escolar pode ser entendida como um fator extremamente importante para o sucesso da aprendizagem do aluno.

Para que o aluno perceba que ele é importante para esse local, ele deve conhecê-lo, e, segundo o diretor, esse é um dos enfoques do programa “Mais Educação”, a memória, a história da comunidade, onde se tem um professor morador da comunidade que, juntamente com os alunos, fazem um estudo da comunidade, dos pioneiros, dos professores, entre outros, para que eles conheçam essa história, se sintam membros integrantes e participantes de todo esse processo. Para ilustrar essa preocupação, trazemos um recorte de jornal sobre o “Resgate da Memória nas Escolas de Portão de Ocoy” (figura 08) publicado no Jornal Mensageiro de Medianeira no ano de 2014⁹, que mostra a preocupação do colégio em apresentar para os alunos a história da escola onde estudam e o quanto ela foi importante para a formação da comunidade e das pessoas que ali moram.



Figura 8 - Notícia sobre o resgate da memória das escolas da comunidade

Fonte: Coordenação do colégio.

Outro fator que exemplifica a forte relação do colégio com a comunidade é a festa junina, realizada anualmente, em parceria. Juntamente com a festa junina é

⁹ **Resgate da Memória nas Escolas de Portão de Ocoy.** Medianeira, 18 set 2014, pg. 06.

realizado o concurso da macarronada (figura 9), onde, segundo a professora, é muito grande o empenho por parte de todos. Vários pais e outros membros da comunidade se disponibilizam para fazer porções de macarrão. O diretor diz que cada turma tem a responsabilidade de fazer uma porção de macarrão, e os professores também se dividem em grupo para participar. Além disso, tem as apresentações das turmas, que são feitas no dia da festa para toda a comunidade. O colégio e a comunidade em geral veem a festa como uma confraternização que aproxima as pessoas, que renova o comprometimento da sociedade com a escola além de fazer com que o aluno se sinta importante para o colégio e para a comunidade onde vive.



Figura 9 - Participação dos profs. no concurso da macarronada da festa junina

Fonte: Coordenação do colégio.

4.1.4 Concepção dos professores sobre a Educação do Campo

Como percebemos, para que a Educação do Campo ocorra, é necessário que a escola possua professores habilitados, funcionários conhecedores da linguagem do estabelecimento de ensino no qual estão inseridos. No colégio em questão, vemos a presença desses quesitos nas entrevistas, quando o diretor nos diz que grande parte dos professores e outros funcionários são filhos de agricultores e/ou residem na comunidade. O colégio também promove seminários e cursos sobre a Educação do Campo e que como se pode aplicar isso a realidade do colégio.

As DCEC (PARANÁ, 2006, p.49) ressaltam sobre a importância dos documentos possuírem informações que levam à ocorrência da Educação do Campo. Segundo o diretor, são realizados vários encontros pedagógicos onde os professores estudam as diretrizes da Educação do Campo, reelaboram suas propostas de trabalho e contribuem para a reestruturação do PPP do colégio, buscando a caracterização da linguagem, da característica do campo no colégio e no aluno, fazendo o aluno se identificar com o local em que vive.

É muito importante que os professores tenham conhecimento sobre a Educação do Campo, e, como afirmam Antunes-Rocha e Martins (2009), a sua formação e especialização deve ser contínua. As DCEC destacam sobre a importância da pesquisa constante, encontrando alternativas metodológicas que levem a realidade vivida pelos alunos para a sala de aula, pois, não que seja impossível ensinar, mas a dificuldade do professor com pouco conhecimento e convivência com a Educação do Campo tende a ser maior do que o professor que vive no campo conhece o campo e luta por ele. Percebemos que os entrevistados seguem uma mesma linha de pensamento, quando dizem que a Educação do Campo pensa no sujeito, e a partir da realidade em que vive, busca os conhecimentos adquiridos através da vivência dele no campo, e juntamente com os conhecimentos do professor, faz a mediação com os saberes escolares necessários produzindo assim novos conhecimentos necessários para o aluno (ENTREVISTA A, B e C, 2015).

4.2 PLANEJAMENTO DOCENTE NA DISCIPLINA DE MATEMÁTICA

Nesta sessão apresentaremos como a Educação do Campo é importante nos conteúdos de todas as disciplinas, no nosso caso no ensino da matemática e que deve estar presente na metodologia de ensino do professor e também na avaliação, que é a verificação de, se de fato, o aluno está aprendendo o que está sendo proposto e considerado importante para ele.

4.2.1 Conteúdos

Como recomendação para conferir se a Educação do Campo está presente na sala de aula, as DCEC apresentam duas possibilidades. A primeira é verificar se há disciplinas específicas para compor a matriz curricular. A segunda se os

conteúdos culturais e os saberes dos povos do campo estão presentes nas disciplinas e em seus currículos. Os entrevistados informaram que ainda não se possui uma disciplina específica para Educação do Campo, as atividades relacionadas à disciplina de Educação do Campo são realizadas nas disciplinas específicas e no programa Mais Educação, realizado em contra turno.

Antunes-Rocha e Martins (2009) reforçam a importância de se trazer para a sala de aula as experiências dos alunos e também produzir materiais didáticos adequados à realidade do campo. De acordo com o diretor, “*é possível perceber o professor de matemática trabalhando área, perímetro, usando o espaço escolar e o espaço da comunidade, buscando o que o aluno já conhece*” (ENTREVISTA A, 2015). A professora de matemática comentou sobre algumas atividades realizadas: “*O trabalho com a horta no cálculo de área e perímetro, cálculo da altura da árvore com base na sombra*” (ENTREVISTA C, 2015).

Verificando os cadernos (figura 10) percebemos que poucas atividades referenciam o campo. A primeira imagem ilustra o cálculo da altura da árvore com base na sua sombra.

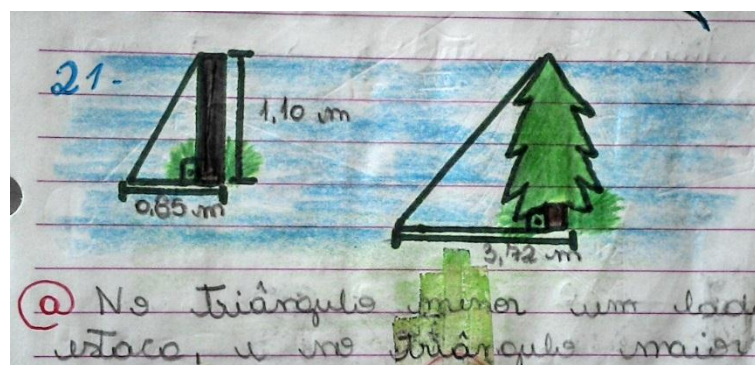


Figura 10 - Atividade no caderno de aluno do 9º Ano

Fonte: Caderno dos alunos.

Outra atividade que mostra relações com o campo é o cálculo da área de determinada figura. Poderia ser feita utilizando qualquer figura, mas para esse cálculo a professora propôs utilizar uma folha de árvore (figura 11). Foram analisados os cadernos do sexto, sétimo, oitavo e nonos anos do ano anterior a pesquisa e o que encontramos revelam poucos indícios de elementos da Educação do Campo nos cadernos de matemática. Outro aspecto é que essas atividades poderiam ser trabalhadas mesmo que a escola não fosse do campo.

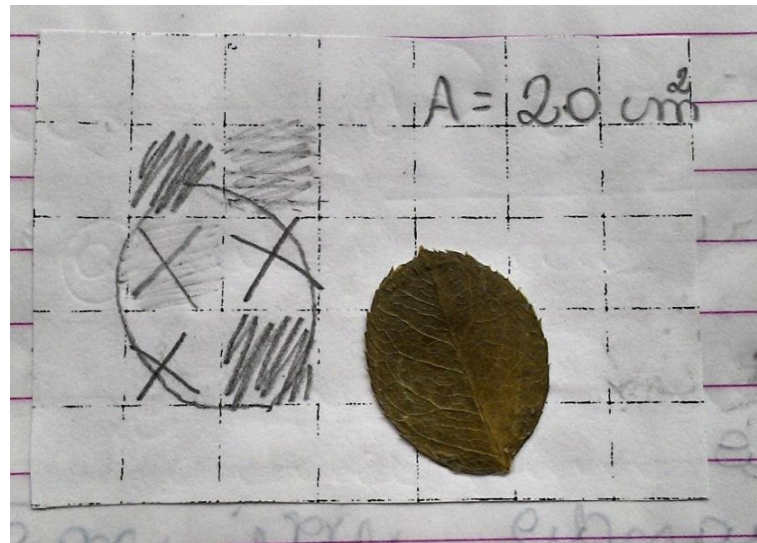


Figura 11 - Atividade no caderno de aluno do 8º Ano

Fonte: Caderno dos alunos.

Além das atividades realizadas nos cadernos temos os materiais criados pelos alunos. Esses materiais podem envolver várias disciplinas em um mesmo tema. O diretor afirma que vários trabalhos são produzidos pelos alunos, por exemplo, construção de maquetes da vila da comunidade, que envolveu aulas de artes, geografia e matemática e português. Para ele, na construção dessas maquetes, foi possível verificar a colaboração da matemática na parte em que se trabalha a geometria, a localização com a geografia e a nomenclatura das ruas com a disciplina de português.

Uma hipótese apontada por vários autores (BRASIL, 2014; PARANÁ, 2006; ALVES, 2009) é que a Educação do Campo permite trazer as riquezas do campo e da natureza para a sala de aula, cooperando e se envolvendo com o aprendizado dos alunos, mostrando-lhes o quão importante e maravilhoso é o local onde eles moram. A figura 12 mostra um exemplo de como se pode trabalhar a importância do cultivo da mata ciliar através do que os alunos já conhecem no campo, algo que eles veem.

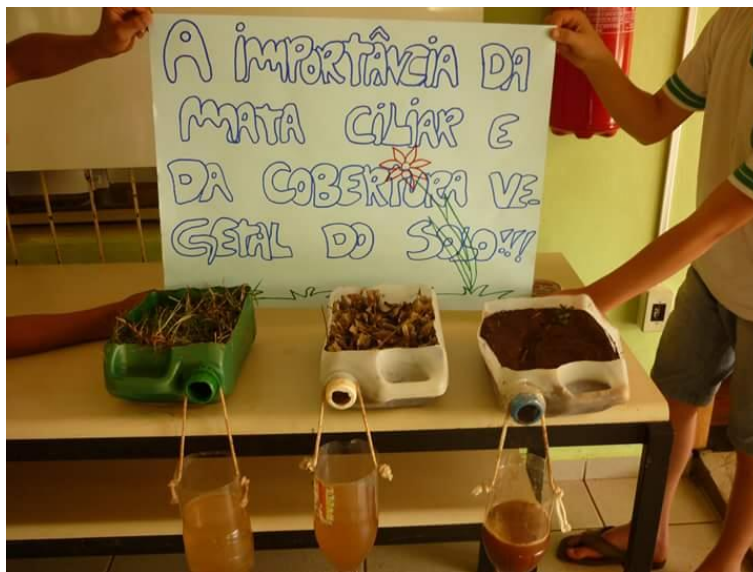


Figura 12 - Alunos percebem na prática a importância da mata ciliar

Fonte: Coordenação do colégio.

Apesar de não ter-se encontrado muitas atividades na disciplina de matemática que envolvem o campo, acredita-se que é um grande início para o envolvimento entre o campo, a Educação do Campo e a Educação Matemática, utilizando como uma das tendências a Etnomatemática, pois devemos lembrar, conforme o Pnaic (BRASIL, 2014, p. 24) cita, “a etnomatemática não ignora a necessidade de trabalharmos com a matemática acadêmica em nossas escolas”. Como o diretor diz,

“há conteúdos e conhecimentos que não se pode abrir mão que o aluno tenha que levar para a vida dele, é necessário o aluno fazer a ligação entre esses conteúdos e os conteúdos do campo, para que o campo auxilie no seu aprendizado e posteriormente o aprendizado o auxilie na vida do campo” (Entrevista A, 2015).

4.2.2 Metodologias de Ensino

O professor, para ensinar os alunos do campo, além de conhecer os processos de ensino e aprendizagem, precisa conhecer a vivência deles, conhecer como funciona a escola do campo relacionando com o aprendizado em sala de aula. Esse planejamento deve estar presente no PTD (2015) e no PPP (2015) do colégio.

O PPP (2015) apresenta que o livro didático deve ser uma das fontes para o processo de ensino e aprendizagem devendo ser utilizado como um dos recursos adequados à realidade do aluno e às necessidades do professor. A professora mencionou que o PTD da disciplina de Matemática segue o mesmo padrão das

outras escolas, mas ela utiliza vários recursos além do livro didático, sempre buscando envolver a vivência dos alunos.

O PPP (2015) apresenta que é importante que os conteúdos das disciplinas escolares sejam articulados com a realidade do campo valorizando o conhecimento trazido pelo educando, buscando somar a esse conhecimento os conteúdos escolares necessários, pois a educação no campo deve ser pensada e desenvolvida para os sujeitos do campo, de forma a valorizar sua cultura e seus costumes. Para o diretor, é preciso usufruir do campo para auxiliar no aprendizado dos alunos. *“Pegar o conteúdo, olhar para ele e para a realidade do aluno e entender de que eles precisam do conhecimento matemático para essa realidade”* (Entrevista A, 2015).

O trabalho com a horta, a construção de maquetes, cálculo de árvores e outras partes do colégio são utilizadas, segundo os entrevistados, como estratégias de ensino que além de envolverem várias matérias em um mesmo conteúdo, faz com que o aluno aprenda tendo por base algo que ele já conhece. Aqui identificamos que a escola do campo segue os preceitos da transdisciplinaridade¹⁰ defendidos por Ubiratan D’ambrosio, ou seja, os conteúdos escolares vão muito além das disciplinas escolares.

A professora de matemática cita que apesar de não estar descrito estas atividades no PTD, já fazem parte do planejamento das suas atividades no decorrer do ano, pois ela leciona a mais de 10 anos no colégio, conhece o colégio, conhece a vivência dos alunos e percebe que é importante a presença do campo no ensino da matemática.

4.2.3 Avaliação

Segundo a DCEC, a avaliação é um processo contínuo e realizado em função dos objetivos propostos para cada momento pedagógico, seja bimestral, semestral ou anual. O PPP (2015) do colégio apresenta que a avaliação deve ser entendida como um dos aspectos do processo ensino/aprendizagem, pelo qual, o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem e de seu próprio trabalho,

¹⁰ “A Transdisciplinaridade significa mais do que disciplinas que colaboram entre elas em um projeto com um conhecimento comum a elas, significa também que há um modo de pensar organizador que pode atravessar as disciplinas e que pode dar uma espécie de unidade. (Dicionário Informal: Transdisciplinaridade, disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/transdisciplinaridade/>).

com as finalidades de acompanhar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem dos alunos, bem como diagnosticar seus resultados e atribuir-lhes valor.

A professora de matemática relatou que costuma adotar vários critérios, como participação/presença, trabalhos, pesquisas, provas práticas, entre outros. Dentre as práticas de avaliação descritas no PPP (2015), destacou-se nas entrevistas a Avaliação em Grupo. Através desses trabalhos em grupo, com base em Antunes-Rocha e Martins (2009), os alunos conseguirão construir juntos um saber. Para o diretor, será mais fácil para o aluno com dificuldades tirar suas dúvidas com o grupo de colegas, através do debate e discussão, do que sentado separado e em filas.

O diretor diz que *“a prova individual é apenas uma das modalidades de avaliação. Faz se também seminários, apresentações orais, pesquisas e vários outros trabalhos em grupo”* (Entrevista A, 2015). Assim, segundo ele, o professor avaliará muito mais do que as respostas corretas e incorretas, verificará como o aluno se porta com os outros, como participa dos debates e das discussões, e como os alunos chegaram às conclusões das respostas, entre várias outras formas, ampliando as possibilidades de avaliação por parte do professor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo verificar se e como ocorre a Educação do Campo no Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella por meio da análise de vestígios na documentação escolar e no ensino da matemática. Para alcançá-lo foram analisadas as diretrizes curriculares estaduais da Educação do Campo, além de documentação escolar como o PPP, PTD, planejamento do professor de matemática, cadernos de matemática de alunos, fotos, reportagens jornalísticas, entre outros. Também realizamos entrevistas com os professores do colégio e observamos o espaço escolar.

Identificamos nos documentos escolares vestígios da ocorrência dos princípios da Educação do Campo previstos nas diretrizes curriculares estaduais da Educação do Campo do estado do Paraná. Os documentos escolares fazem muitas referências à Educação do Campo e ressaltam a importância do entendimento sobre as peculiaridades dessa modalidade de ensino.

Verificamos que o professor de matemática, pedagogos e o diretor da escola investigada possuem muita experiência e conhecimento sobre a Educação do Campo. No colégio investigado os alunos, em vários momentos, aprendem com a terra, com o campo, os modos genuínos de olhar para a vida do homem em sintonia com a natureza. Vemos através das análises dos dados que os professores têm conhecimento sobre a importância de trabalhar a vida do campo, a vida que o aluno presencia, dentro da sala de aula. Percebemos que grande parte dos professores reside na comunidade e conhecem vida no campo. O projeto Mais Educação é um exemplo do resgate das raízes do campo naquela região para auxiliar no ensino dentro da escola e na vida dos alunos. Percebemos nos trabalhos em grupo particularidades sobre a Educação do Campo, as quais são possíveis ver por meio das exposições realizadas pelos alunos, nas participações em aulas práticas realizadas no colégio e fora dele no campo, ou seja, na colaboração de cada um para o aprendizado de todos.

Analisando os cadernos de matemática dos alunos encontramos poucos vestígios da Educação do Campo na produção escolar dos mesmos. Nos cadernos foram identificadas atividades que relacionavam os conteúdos ao campo. Além disso, percebemos a relação com o campo em atividades interdisciplinares e

transdisciplinares como a produção de maquetes, a horta, os passeios, projeto de mata ciliar, etc.

Na escola em questão a comunidade é sempre participativa nas reuniões e decisões. Os eventos realizados pelo colégio contam sempre com uma grande colaboração por parte de toda a comunidade, e um fato muito importante, como grande parte dos professores pertencem à comunidade, sempre buscam mostrá-la para quem vem visitá-la, a fim de que a respeitem como ela merece.

Com base nos documentos oficiais e nas análises dos dados coletados, temos elementos suficientes para afirmar que o Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella é realmente do campo e não é somente uma escola que se situa no campo. Identificamos uma cultura escolar específica do campo. Os professores nas entrevistas demonstraram que têm conhecimento da legislação vigente e que, respeitando as especificidades da escola, procuram pensá-la, na maioria das vezes, de acordo com o que está prescrito. Percebemos que a Educação do Campo age fortemente no ensino no colégio em questão e é muito privilegiada. Nas aulas de matemática encontramos argumentos que nos levam a crer que a Educação do Campo também está presente, embora longe do ideal. Os cadernos mostram a presença do campo na resolução das atividades mesmo que em poucos fragmentos, conforme a professora de matemática menciona em sua entrevista, e o diretor e a pedagoga observam quando visitam as aulas.

Outros questionamentos que ocorreram durante a pesquisa foram: Seria possível a matemática escolar usufruir do campo para auxiliar no aprendizado dos educandos? Como utilizar a matemática no campo, como ensiná-la para alunos que vivem no campo? Terminei este trabalho concluindo que é possível, pois o campo tem muito a oferecer para o aprendizado do aluno e para a busca de uma vida digna e respeitosa na sociedade, uma vez que é isso que o campo e quem nele habitam merece. Quanto à segunda questão, tenho como proposta futura dar continuidade a este trabalho. Pretendo aprofundar meus estudos do ensino da matemática na escola do campo e propor alternativas. Nunca esquecendo de que uma educação matemática de qualidade é tão essencial para os alunos, quanto o conhecimento que eles trazem consigo do campo, o que lhes torna verdadeiramente sujeitos do campo para a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ. M. E. D. A. de. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. 3ª ed. Brasília: Liber Livro, 2008. 70 pg.
- ANDRÉ. M. E. D. A. de. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. 3ª ed. Brasília: Liber Livro, 2008. 70 pg apud BASSEY, M. Case Study Research in Educational Settings. Maidenhead: Open University Press, 2003.
- ANDRÉ. M. E. D. A. de. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. 3ª ed. Brasília: Liber Livro, 2008. 70 pg apud MERRIAN, S. B. Case Study Research in Education. San Francisco; Jossey Bass, 1988.
- ALVES, G. L. (org.). **Educação no Campo: Recortes no tempo e no espaço**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. 305 pg. (Coleção educação contemporânea).
- ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, A. A. (orgs.). **Educação do Campo: Desafios para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 207pg. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).
- BARBOSA, Línlya N. S. C. de . **Entendimentos a respeito da matemática na educação do campo: questões sobre currículo**. 2014. 237 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, SP, 2014.
- BASSEY, M. **Case Study Research in Educational Settings**. Maidenhead: Open University Press, 2003.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 20 dez .1996.
- _____. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Educação Matemática do Campo**. Brasília, 2014.
- _____. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. 2002.
- CRUZ, Jaqueline Z. da S.; SZYMANSKI, Maria L. S. **Ensino da matemática nas escolas do campo de Cascavel-PR: Articulação entre matemática e cotidiano discente**. Cascavel, PR, 17 pg, 2013.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática - elo entre as tradições e a modernidade**. 2 ed. 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Planejamento da pesquisa qualitativa-teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar: Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

GVIRTZ, Silvina. **Del currículum prescripto al currículum enseñado: una mirada a los cuadernos de clase** – 1ª Ed. Reimp. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 2009. 128p.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, São Paulo: SBHE, n.1, jan-jul, p.9-43, 2001.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 9ª reimpressão. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2005.

MERRIAN, S. B. **Case Study Research in Education**. San Francisco; Jossey Bass, 1988.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo**. Curitiba, 2006.

PARANÁ. **Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella: Projeto Político Pedagógico**. 2015. 98 pg.

TRIVIÑOS, A. N. S. - **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987. 175p.

VIDAL, D. G. **Culturas escolares**: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas, SP: Autores Associados, 2005. – (Coleção Memória da Educação). 187p.

APÊNDICES

Roteiro para entrevista

- 1 Fale um pouco sobre sua formação e sua experiência com a educação no campo.
- 2 Quando o colégio foi criado? Sempre foi Colégio do Campo? Quais transformações ocorreram?
- 3 Qual sua concepção/entendimento sobre a educação do campo?
- 4 Quais são, para você, as principais características da educação do campo? Você identifica essas características no Colégio em questão?
- 5 Os alunos fazem relações entre os saberes escolares e a sua vivência no campo? Se sim, como ocorre? Como são feitas essas mediações por parte do professor?
- 6 O calendário escolar, as aulas, e as atividades seguem o mesmo padrão das demais escolas ou acompanham os períodos de atividades do campo?
- 7 Como você relaciona o ensino em sala de aula quanto à ligação dos conteúdos com o local em que a escola se situa (campo)? E mais especificamente a matemática? Relate alguns exemplos relacionados a matemática.
- 8 O colégio possui (em) projeto (s) curriculares e extracurricular (es) onde os alunos saem da sala de aula e vão para o campo? Se sim, de que forma é realizado? Possui alguma ligação com o ensino em sala? Se sim, como? Algum deles envolve a disciplina de matemática?
- 9 Seria possível a matemática escolar usufruir do campo para auxiliar no aprendizado dos educandos? Como utilizar a matemática no campo, como ensiná-la para alunos que vivem no campo?
- 10 Há particularidades da escola do campo? O professor faz relações entre a Educação do Campo com os conteúdos escolares matemáticos?
- 11 A escola possui um local ou uma sala específica para a criação de materiais para auxílio nas aulas? Como os materiais são construídos pelos alunos no decorrer da aula, pensando na vivência deles no campo?
- 12 Como é entendida a cultura do campo no colégio? São realizadas festas tradicionais? Visitas de outras escolas? O aluno se vê importante para o local onde ele está presente?
- 13 Como é a organização do colégio, quanto ao trabalho, a distribuição de atividades?

- 14 Como são realizadas as atividades em grupo, de que modo os alunos se relacionam nessas atividades?
- 15 Qual sua opinião sobre a visão da comunidade em geral em relação ao colégio do campo em questão?
- 16 Os alunos, quando terminam seus estudos nesse colégio do campo, permanecem na comunidade? Qual sua concepção sobre esse assunto?
- 17 Qual sua visão sobre a escola como possibilitadora da ampliação dos conhecimentos do campo?
- 18 Como é realizado o processo de avaliação dos alunos?
- 19 Qual é a relação dos familiares do grupo escolar com o colégio?
- 20 Possui alguma disciplina específica para a educação do campo no currículo do colégio?
- 21 Qual seu entendimento sobre a legislação do campo em âmbito nacional e estadual? Quais documentos foram utilizados como balizadores para construção do projeto político pedagógico da escola?
- 22 Qual a relação entre o colégio e a secretaria estadual de educação? Quais as ações desenvolvidas pela coordenação de educação no campo?

Entrevista Diretor

Legenda: E= Entrevistador, D= Diretor

E= Fale um pouco sobre sua formação e sua experiência com a educação do campo:

D= Olha, eu trabalho aqui neste colégio á trinta anos, e a nossa população aqui é oriunda da agricultura familiar do pessoal do campo, e eu também como filho de agricultor que sou né, professor e filho de agricultor. É nós tivemos ai um período de formação, para trabalhar com a educação do campo nos governos passados e estive em seminários, em cursos né, vendo, tratando da questão da diversidade e voltado para a educação do campo, então nós estudamos as diretrizes do campo do governo do Paraná e tentamos adaptá-las e aplicá-las a nossa realidade aqui no colégio.

E= Quando o colégio foi criado ele sempre foi colégio do campo, ocorreram transformações? Como foram estas transformações?

D= Não, o colégio sempre foi do campo, mas não tinha esta visão do campo né, essa visão teórica do campo. Ouve todo um processo de estudo das diretrizes do campo, e em 2010/2011 que nós levamos e adotamos a nomenclatura do Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella né, antes não tinha toda esta visão que temos hoje.

E= Qual a sua concepção, e o entendimento sobre a educação do campo? Como você vê a educação do campo.

D= Então, a educação do campo ela pensa num sujeito é, com a sua cultura, com a sua identidade, a partir da realidade em que ele vive né, a educação do campo tenta se inserir dentro desta cultura e a partir daí a produção de novos conhecimentos, com a identificação destas realidades. No nosso caso aqui, a nossa realidade ela trata de educação do campo tendo por base a agricultura familiar.

E= Quais são para você as principais características da educação do campo? Você identifica estas características no colégio em questão?

D= Sim! O nosso colégio um dos pontos fortes assim, que a gente vê aqui do colégio é Nós temos alunos que são transportados com o transporte escolar à zona rural, espaço rural todo, recolhendo os estudantes, nós temos alunos que saem de casa às seis horas da manhã, e retornam para a casa à uma hora da tarde, tudo isso em função do seu estudo, em função do colégio em que ele está. Então a nossa realidade ela é bem diversa, é preciso que a gente leve em conta, que o estudante que tenha que estar andando “pra cá e pra lá” todo esse tempo pra poder chegar no colégio ele tem que ter um tratamento especial, um tratamento diferenciado, do que aquele que mora muitas vezes bem próximo do colégio.

E= Esta pergunta agora também é mais ao professor, mas você sempre foi professor. Os alunos fazem relações entre o saberes escolares e a sua vivência no campo? Se sim, como ela ocorre? Como é feita a mediação por parte do professor?

D= Então olha só, vários encontros pedagógicos nossos aonde os professores estudaram as diretrizes da educação do campo, e tentaram e tentam cotidianamente reelaborar suas propostas de trabalho, seus planos de trabalho fazendo essa identificação, do trabalho, da identidade, da característica que tem o nosso estudante em relação ao campo. Uma das principais formas que a gente percebe assim é, na linguagem, a linguagem ela é bem diferente de uma linguagem urbana, é bem característica nisto, e aí nós temos a sorte de ter vários professores que tem

esta característica do campo, esta linguagem do campo e tentam trabalhar nesta visão, nesta perspectiva.

E= É das coisas que eu percebo lá é, essa minha dificuldade de trabalhar com os alunos lá.

D= É a linguagem urbana, ela é diferente.

E= O calendário escolar, as aulas e as atividades seguem o mesmo padrão das demais escolas ou acompanha períodos de atividades do campo?

D= Sim! No nosso caso, ela segue o calendário oficial, nós seguimos o calendário oficial e quando há épocas de trabalho intenso na agricultura, nós acabamos fazendo alguns ajustes e tal, mas sem alteração do plano, no calendário anual.

E= Como você relaciona o ensino em sala de aula quanto à ligação dos conteúdos com o local onde a escola se situa no campo? E mais especificamente matemática, relate alguns exemplos matemáticos.

D= O professor quando ele faz o plano de aula, ele tenta adaptar pra realidade aqui, no caso da matemática, já diversas vezes como diretor, eu pude perceber que o professor esta trabalhando, área, perímetro usando o espaço escolar, o espaço da comunidade, o espaço rural, fazendo medições, fazendo geometria, fazendo várias atividades que atentam para o espaço onde a gente está voltado, onde a gente está trabalhando. E isto é importante, é muitas atividades lúdicas que são feitas com materiais que são característicos das pessoas do campo, são utilizadas como instrumento pedagógico para que ele possa assimilar o conhecimento.

E= Sobre os projetos curriculares e extracurriculares, o colégio possui? E os alunos saem da aula e vão para o campo? Se sim, de que forma é realizado, possui ligação com o ensino? E como envolve na disciplina?

D= Então olha só, nós temos, e isso é muito forte inclusive no nosso colégio, e a partir do ano de 2014 pra cá nós trabalhamos um projeto dentro do governo federal o mais educação, nós trabalhamos um projeto que é específico para a questão do campo, com dois enfoques bem fortes, um é a memória, a história da comunidade, onde nós temos o professor XXX que trabalha isso, fazendo toda, e o professor XXX além de ser professor de história ele é daqui da comunidade, nasceu, se criou aqui na comunidade, conhece todas as famílias, conhecemos todas as famílias, e então no programa mais educação nós temos um trabalho que se chama memória aonde os alunos e o professor tem feito todo um estudo da comunidade, das comunidades,

dos pioneiros, dos professores, de uma maneira geral para que eles conheçam esta história, se sintam membros integrantes e participantes de todo esse processo. Como nós temos a característica dos estudantes vindo também da agricultura familiar, nós criamos também uma das outras propostas extracurriculares nossas que é a agricultura orgânica, nós temos uma horta orgânica no colégio, que é trabalhada e desenvolvida pelos estudantes dentro do programa mais educação. Mais essa, juntando a questão da memória a questão da agricultura orgânica, também outro projeto extracurricular no mais educação, que chamamos de artesanato regional também coordenado pela professora XXX que é moradora aqui da comunidade, então tudo aquilo que faz parte da memória, que os nossos avós, nossas famílias faziam de objetos, de utensílios dentro de casa pra uso da família ela vai também pra oficina e para o trabalho de artesanato onde eles produzem os panos de prato, os crochês, os tricôs, as roupas, e uma série de atividades que são feitas com a visão de educação do campo. Isso tudo leva a esse sujeito a historicidade a execução e a produção de materiais e assimilação do conhecimento.

E= É um dos focos é o aluno se sentir bem onde ele está né.

D= Exatamente.

E= Ele tem que fazer parte desse local né.

D= Exatamente! Então nosso colégio aqui ele não tem visão urbana, nós não temos a violência urbana, que é uma coisa que hoje judia muito das escolas, nós não temos isso aqui, os portões do colégio ficam todos abertos não tem tanto no diurno como no noturno é aberto o portão eles são educados para saberem respeitar que eu to nesse espaço, esse é meu espaço eu cuido dele.

E= Seria possível a matemática escolar usufruir do campo para auxiliar no aprendizado dos educandos? Como utilizar a matemática no campo, como ensiná-la para alunos que vivem no campo?

D= Exatamente, é aquilo que a gente, já até comentei anteriormente, é pegar o conteúdo né, e olhar para ele e olhar para a realidade dos sujeitos do campo e, entender que eles precisam do conhecimento matemático para essa realidade, pra esse mundo que eles vão viver. Mas o conteúdo ele vai apenas ter a forma de assimilação do conteúdo de acordo com essa realidade, mas o aprendizado é universal, ele serve para qualquer outra realidade que ele for enfrentar.

E= é uma das coisas que a educação do campo preza bastante é você não se esquecer de ensinar, ele tem que aprender o conteúdo.

D= exatamente.

E= mais depende da forma que se estabelece na educação do campo.

D= Ele inclusive vai perceber que existe varias formas de aprendizado né, e essa é uma delas né, essa é uma das formas, nem todos conseguem, então às vezes o professor tem que fazer alguns ajustes para que possam entender, quer dizer, muita coisa mudou nas aulas de hoje né, tanto, eu penso que tanto para nós do campo quanto para o urbano, a maneira de apropriar o conhecimento hoje ela é muito mais diversa, se pensa muito mais, ela é muito mais diversificada né, a possibilidade do aluno hoje aprender das mais diversas formas, ha muitos recursos para isso.

E= é nos vemos as varias tendências né, muita tendência, vê isso é uma coisa também que o professor sempre fala: “a experiência vai te ajudar a você escolher o que você acha que é melhor”.

D= Exatamente! Ele vai entrar em contato, ele tem o mundo que ele viveu respeitado, mas ele vai ta em contato com outros mundos que lhe possibilitarão as suas escolhas né.

E= esta pergunta aqui acho que até já foi respondida Há particularidades da escola do campo? O professor faz relações entre a Educação do Campo com os conteúdos escolares matemáticos?

D= Isso, os planos de trabalhos docentes eles explicitam isso né.

E= A escola possui um local ou uma sala específica para a criação de materiais para auxílio nas aulas? Como os materiais são construídos pelos alunos no decorrer da aula, pensando na vivência deles no campo? Aqui fala dos materiais que os alunos fazem no dentro da sala.

D=Sim, Eles fazem na sala de aula, e nós temos a sala do laboratório de informática, e biblioteca que é uma sala de múltiplo uso onde são produzidos esses materiais, nos tivemos ainda nessa semana muito forte o trabalho de produção de maquetes né, que foram desenvolvidas pelos alunos, que envolveu aulas de artes, geografia e matemática.

E= Eles trazem materiais de casa também?

D= E o colégio também, dentro do programa mais educação nós ganhamos recursos do governo federal para comprar muito material para a produção. Somado a isso

dentro dessa produção de material, Maykon também acho que é importante a gente destacar que nós em 2012 nós implementamos um programa dentro do colégio de equipamentos eletrônicos para facilitar a o trabalho do professor e do estudante também né, nós temos em todas as salas de aula, nos substituímos aquelas TV's laranja que nunca funcionavam né, nós colocamos, compramos com recursos próprios da associação de pais, a comunidade é muito forte, nós contamos com a ajuda muito importante da APMF né, que nos ajuda muito nesse sentido e nós implementamos a compra de equipamentos eletrônicos pra sala de aula, uma TV de 49 polegadas, tela plana e compramos um notebook por sala de aula aonde o professor com o notebook dele ou do colégio ele pode preparar seu material e ir para a sala de aula e se inclusive se precisar fazer pesquisa no momento na internet os notebooks estão com o sinal de wireless né, em todo o colégio é coberto com o sinal de internet para que ele possa instantaneamente fazer sua pesquisa, a sua busca que surgiu naquele momento lá, e com isso a aula ficou muito mais interativa, muito mais atualizada, muito mais eficiente também pro professor, somado a isso nós tivemos várias oficinas de uso de tecnologia que os professores fizeram nos seus dias de formação, pra preparar e hoje já nos estamos numa caminhada onde os professores estão trabalhando a multidisciplinaridade, então quando você pega e faz uma maquete ela não é só a professora de artes que entra, entra o professor de geografia que trabalha o espaço, entra o professor de matemática que trabalha a geometria, entra o professor de português que vai trabalhar a linguagem, as formas, as expressões né, toda essa organização, a nomenclatura das ruas né, fazer a maquete da vila por exemplo tem toda nomeação que precisa constar, tudo isso tá sendo integrado já, ainda precisamos caminhar muito nesse sentido mais já estamos conseguindo e vários professores já conseguem sentar com as horas atividade que nós temos eles conseguem já se planejar e fazer a multidisciplinaridade.

E= É isso é uma coisa que a educação do campo preza muito.

D= preza muito, exatamente e uma interação ne, entre professores...

E= e só vem ajudar né, porque o professor quando junta o saber deles aí, não tem como ...

D= Exatamente! E isso, tem outra coisa interessante, isso puxa o lado do trabalho coletivo né Maykon, porque na educação todos nós sabemos que o modelo educacional que nós temos no Paraná e no Brasil é um modelo muito parado, muito

estático né, as salas de aula enfileiradas o professor com quadro, e foi uma evolução muito grande quando a gente saiu do giz pra lá pra um canetão, e hoje na nossa escola o nosso quadro é branco, mas nós temos uma tela eletrônica na sala de aula que o professor pode digitar no seu notebook e tá aparecendo lá né, somado a isso nós frisamos muito para o trabalho coletivo que é uma característica do campo também né, isso fez nós implementar em 2013 um projeto no colégio de trabalho coletivo, isto é, as nossas salas estão organizadas não mais em fileiras, a nossa sala de aula de 2013 pra cá se tornou um labirinto, todos os estudantes estão organizados em grupos de trabalho de quatro estudantes ninguém mais fica um de costas para o outro né, eles fazem o trabalho coletivo, cada sala de aula então tem quatro, cinco grupos, seis grupos de trabalho, e nesse grupo de trabalho tem um que é o coordenador de cada grupo, cada turma tem dois líderes que também representam a turma que é eleito pela classe escolar, é eleito os dois líderes um menino e uma menina e dois professores, então nós temos cada grupo um coordenador, esse coordenador ele muda a cada trimestre, nosso intervalo é trimestral, cada trimestre muda-se esses grupos e cada grupo tem um coordenador, muda-se o coordenador com isso nós estaremos formando lideranças também para atuarem e aprenderem a trabalhar no coletivo não só na individualidade, então acreditamos que isso vai dar ao longo do tempo aí um diferencial muito grande para o nosso sujeito que estuda aqui nesse colégio.

E= Muito bom né. Um dos eixos da educação que eu li bastante é sobre a organização política do colégio né, questão de o aluno saber onde ele pode chegar o que ele pode fazer e no caso essa divisão política da sala de aula isso é muito importante.

D= importantíssimo, exatamente! Isso vem de encontro com todo o nosso trabalho né de ele saber que essa visão ele tem que assimilar e ele como estudante às vezes consegue, às vezes não consegue o professor também na formação que ele tem às vezes consegue, ou não consegue, nós temos que formando e preparando isso, a gente hoje já percebe a dificuldade quando vem um professor novo que não está inteirado nessa proposta ele chega, ele tem que se inteirar, se adaptar, a realidade do colégio né porque é diferente do que ele vive, aí nós temos, somado a isso um outro problema de professor que trabalha em três quatro colégios e que é diferente pra cada um também né.

E= Me deixa eu ver aqui... Como é entendida a cultura do campo no colégio? São realizadas festas tradicionais? Visitas de outras escolas? O aluno se vê importante para o local onde ele está presente?

D= Exatamente! É bem isso mesmo né, nós fazemos os intercâmbios com outros colégios também na modalidade de educação do campo né, inclusive no dia do estudante nós vamos comemorar com outro colégio que também tem a modalidade de educação do campo onde a gente divide o dia em duas partes, a primeira parte já no período da manhã que é cultural né, cultura, trabalhamos a questão cultural do colégio as apresentações, tudo voltado pra isso e na parte da tarde é esportiva né, então pensamos bem isso mesmo né.

E= Tem também que eu conheço já a festa junina né?

D=Ah e as festas, isso. Nós temos uma festa tradicional da comunidade que foi desenvolvido, que como é nossa característica é de italianos, nós fizemos o concurso da macarronada, nós temos as pessoas da comunidade, que se organizam, fazem macarrão e a gente serve isso pra comunidade, é um dia de interação de toda a comunidade escolar, professor, aluno, pais e as outras pessoas.

E= É aluno fazendo macarronada...

D= Sim, alunos fazem macarrão, professores fazendo, cada turma do colégio tem a responsabilidade de fazer uma porção de macarrão né, e além da confraternização isso gera recursos que permitem investimento nessa qualidade, um dos exemplos que saiu dessa macarronada é a compra das TV's para as salas de aula e os ares condicionados em todas as salas de aula que nós temos hoje o conforto da mídia e o conforto do ar na sala, que é fruto de todo o trabalho, mas não é esse o objetivo, o objetivo é a integração de toda a comunidade aonde nós fazemos o concurso da macarronada, fazemos as apresentações culturais, os pais podem ver ser filhos apresentando as atividades né, de cultura, de dança, de arte, que nós desenvolvemos aqui no colégio.

E=Como são realizadas as atividades em grupo, de que modo os alunos se relacionam nessas atividades?

D= Sim! Então ó todo o trabalho é coletivo né, e nós percebemos uma evolução assim já, no primeiro ano foi bem complicado, quase pensamos em abandonar a ideia do trabalho coletivo, mantivemos a insistência e ai começamos a colher os frutos e nos enxergamos mais ainda, porque ele tem dado hoje um resultado enorme

porque a gente tem que pensar que o conhecimento quanto mais é elaborado, mais é exercitado, mais assimilado ele vai ser, então o aluno que tem dificuldade em aprender se ele está junto com um colega que tem facilidade ele vai aprender até com o colega as vezes e não com o professor é, porque é o colega que tá ajudando ele tá fixando tá aprendendo conhecimento, então diferente se eu olho nos teus olhos pra te falar o que eu sei do que eu ficar sentado atrás de você enxergando apenas a tua nuca, aquele vulto que não significa nada, então é esse “frente a frente” do trabalho coletivo é que eu particularmente acredito um ganho fenomenal a curto prazo, já estamos percebendo isso, nós iniciamos um projeto de acabar com a aprovação por conselho de classe, que era aqueles APC que a gente tinha que era uma loucura, chegava o conselho de classe final era uma guerra de “aprova e não aprova”, “Empurra e não empurra” mais jogo de empurra que eu podia ver, e o ano passado nós seguimos eliminar a aprovação por APC, todos os alunos que passaram no ano passado, é porque de fato tinham condições e fizeram as atividades propostas pelo colégio e pelo professor, e reprovaram aqueles que não tinham condições de não fazer. A nossa meta é aprovação de 100%, respeitando toda essa questão da diversidade e dos saberes de cada um, mas há conteúdos e conhecimentos que nós não podemos abrir mão que o aluno tenha que levar para a vida dele, e se ele não conseguir assimilar ele tem a necessidade de repetir. Ainda é muito vago a gente falar isso, mas ainda temos essa concepção.

E= É eu como aluno, eu vejo a importância do aluno pedir para o aluno, às vezes tem uma coisa e tem medo de pedir.

D= Nós construímos um plano de trabalho coletivo, eu não sei se eu te dei o nosso plano disciplinar?

E= Não, acho que não.

D= É nós temos o nosso plano (Pedi plano a Pedagoga). Esse plano disciplinar, ele é, foi construído pelos professores, discutido em assembleia com os estudantes e com os pais e aprovado. Todo ano nós fazemos assembleia de estudantes pra aprovar o plano disciplinar, quer dizer às regras que norteiam o trabalho de todo mundo, a ocupação de espaço e tal, e tanto do professor quanto do aluno, quanto dos pais, tá tudo, claro nós temos o nosso regimento, nós temos o nosso PPP, mas assim sintaticamente o plano disciplinar ele dá a maneira e o jeito de você anda aqui nesse estabelecimento, esse que é o...

E=Foca na, ela quer passar no pen drive? Fica mais fácil.

D=é pode ser né.

E= é que daí não precisa imprimir.

D= é não precisa imprimir, exatamente, pede pra ela lá passar num pen drive que é melhor.

Áudio 2

E= Como é a organização do colégio, quanto ao trabalho, à distribuição de atividades? No caso da sala de aula, é aquilo que você falou dos trabalhos em grupo né.

D= Sim! Como é tido então, o trabalho é feito em grupo e cada professor exerce o acompanhamento né, do trabalho da sua disciplina e tal, é havendo... (Telefonema)

Áudio 3!

E= Qual sua opinião sobre a visão da comunidade em geral em relação ao colégio do campo em questão?

D= Ah sim! É nós temos muitos alunos né que passaram por aqui e que fazem universidades fora aí, nos mais diversos cursos né, mas essa questão eu quero tratar ela da seguinte forma também Maykon, a partir do momento que nós é instituímos o ensino médio aqui no colégio ficou mais claro de a gente acompanhar os nossos estudantes também no depois do colégio né, como nós acompanhamos isso? Pelo ingresso deles nas universidades, e nas universidades publicas, não nas particulares que o ingresso é totalmente diferente, é outro, é uma outra opção, nós acompanhamos muitos nossos alunos nas universidades ai e temos tido sempre bons resultados né, muitos alunos nossos ingressam em cursos nas universidades federais e estaduais que temos por ai a fora, aliado a isso como nós somos educação do campo, quando o aluno nosso termina o ensino fundamental , nós damos um acompanhamento para aqueles que querem se especializar na atividade da agricultura familiar, que é ir estudar nas escolas agrícolas, então nós temos esse ano, todos os anos temos enviado dois/três alunos para o colégio agrícola em foz esse ano nós foram quatro estudantes nossos que entraram né, fizeram o exame de seleção do colégio e foram selecionados pra estudarem lá em foz, e tem se formado bons técnicos agrícolas ai também, fruto desse trabalho como um todo.

E= É no caso a próxima pergunta já foi respondida né que era se os alunos eles permanecem na comunidade? Depois que os alunos se formam eles aplicam o conhecimento deles na comunidade? Como funciona?

D= Sim muitos que vão né ou vão para outros empregos, como aqui é muito restrito né, muitos deles saem fora trabalhar né, o campo, o mundo fica aberto pra eles né, mas tem muitos que ficam por aqui participando da comunidade, desenvolvendo suas atividades, trabalhando por aqui mesmo né.

E= Eu vejo muito desses alunos que depois que tem a vida voltam pra cá.

D= Voltam isso. Voltam pra cá! Cria essa identidade que faz ele voltar, ele sabe que aqui ele construiu a vida dele, aqui ele estudou, aqui ele vem viver a vida dele.

E= é uma comunidade família.

D= exatamente! Essa acolhida né, e nos temos uma característica muito forte aqui que é o apoio da comunidade o colégio, isso é muito presente né, nós, eu me sinto um cara muito feliz por causa disso, eu sempre o apoio dos pais aqui é fantástico, é muito bom.

E= é e tem também um eixo da educação que prega muito sobre a participação da comunidade né.

D= é ainda precisa muito né, precisa se desenvolver muito, mas nós não temos tanto, nós precisávamos de um espaço próprio, a gente hoje estamos tentando um prédio que não é nosso nós precisávamos ter um espaço próprio e uma visão de futuro é o meu desejo como diretor é que a gente criasse um pós médio aqui em agricultura familiar, mas enquanto não tiver esses investimentos em educação nós estamos limitados ao que está estabelecido e procuramos fazer bem feito o que está estabelecido.

E= pensa você com espaço próprio um campo tudo.

D= pra animais, pequenos animais tudo, esse é o nosso desejo.

E= é um vi ontem tava em Toledo, vi o campo onde a medicina veterinária da PUC utiliza, cara é um espaço muito grande.

D= Nós poderia integrar esse estudo técnico com a universidade, nós íamos é tendo verdadeiros profissionais ai, muito bem preparados para fazer isso né.

E= é e os alunos moram aqui por que gostam né, se não, não fica.

D=Tu imagina se eles todos conseguissem ficar aqui, se desenvolver aqui, aplicar o conhecimento dele aqui o ganho que a comunidade teria ainda mais com isso.

E= mais isso é também uma coisa que leva tempo.

D= é sonho! É sonho, ainda estamos em sonho.

E= mas está no caminho, está subindo a escada.

D= Sim, sim estamos na fase de sonho.

E= Qual sua visão sobre a escola como possibilitadora da ampliação dos conhecimentos do campo? É o que você falou, aplica com as limitações que tem

D= exatamente! O colégio é nós com todo o corpo docente aqui do colégio nós nos empenhamos sempre ao máximo né, pra que a gente possa dar o que mais a gente pode para os nossos estudantes dentro do conhecimento porque é o conhecimento elaborado, conhecimento produzido, o conhecimento treinado que vai te fazer uma pessoa diferenciada e tal né, então é um objetivo, a nossa missão é fazer isso, criar um cidadão livre né, consciente, sabedor é do mundo que o cerca, como esse mundo age, como esse mundo está e o que ele é capaz de transformar isso.

E=Como é realizado o processo de avaliação dos alunos?

D= então, as avaliações cada professor tem a sua metodologia né, mas há várias avaliações que são multidisciplinares também né, que o professor é de várias disciplinas conseguem medir, ver a avaliação dele e nas nossas reuniões pedagógicas essa análise por parte dos professores né dessa questão, então ela é coletiva muitas vezes, bem diversificada as formas de avaliação, bem diversificada, nós não nos limitamos a provas mais né, a prova é uma das modalidades de avaliação, mas nós temos seminário, trabalho em grupo, produção do material, exposição oral que eles fazem onde demonstram o seu conhecimento produzido, elaborado e entregue.

E=Qual é a relação dos familiares do grupo, dos alunos, professores todos, com o colégio? Essa foi respondida antes né, em relação a comunidade.

D= a comunidade, sim, a comunidade é sempre muito presente, os pais nos ajudam muito, sempre bem tranquilo.

E= essa relação é boa então?

D= Boa! Muito boa! Ah sempre tem problemas né, um outro sempre pai sempre tem problema, mas é a minoria, a maioria é joia.

E=Possui alguma disciplina específica para a educação do campo no currículo do colégio?

D= Não! Nós ainda temos todo o núcleo comum, normal, a parte diversificada do nosso currículo é o que a gente conseguiu implementar de amplo e diferenciado então é as atividades de contra turno do programa mais educação, nós ampliamos em forma de currículo extra né, pra que, quer dizer, ele tem o básico que qualquer colégio tem, mas tem uma ampliação, mais daí não é para todos, é pra uma parte, é para os que podem também né, mas há uma diferenciação sim neste processo.

E=Qual sua opinião, entendimento sobre a legislação do campo em âmbito nacional e estadual?

D= é eu penso que temos que trabalhar mais essa questão né, tanto por parte do ministério da educação, há um grupo de estudos e trabalho no ministério que cuida disto, uma secretaria que cuida dessa parte de educação do campo, na secretaria do estado de educação a gente já tinha passos maiores, tenho a impressão que estamos retrocedendo né, na própria secretaria já não se fala mais tanto disso, existe ainda a modalidade da educação do campo pela nomenclatura e pelo interesse das direções e dos professores que estão levando a diante, mas há um retrocesso atualmente, politicamente de decisão de eliminar a educação do campo, nós estamos sofrendo muito.

E= é uma luta.

D= é uma luta, com certeza, é uma luta muito grande.

E= porque pelo histórico né, como sofreu pra se conseguir dá essa particularidade, falar ela é diferente.

D= exemplificando, até o ano passado ainda nós tínhamos no núcleo de educação uma pessoa que cuidava das modalidades de educação do campo e educação da diversidade, esse ano já não temos mais, acabo, somos tratados como um colégio qualquer, não tem ninguém lá no núcleo que diz não esse é do campo sabe não existe mais, isso dificulta, mas temos que resistir e fazer a coisa acontecer, não deixar pra lá.

E= Se fosse fácil não teria graça.

D= é verdade.

E= a construção do projeto político pedagógico os documentos que foram utilizados como balizadores, ou ele segue o mesmo padrão como funciona?

D= não, nós temos todo um trabalho de continuamente estar adaptando ele, para esta visão, ele na sua origem porque o colégio era assim até 2010, era normal, ele

tinha um currículo que era dessa forma, um currículo e também um projeto político pedagógico tudo igual, a partir de 2011 pra cá nós começamos a fazer todas as reformulações tanto no regime, quanto do PPP quanto na estrutura como um todo para que a gente possa de fato fazer isso, mas a caminhada é grande ainda, tem muita coisa pra ser feita.

E= Qual a relação entre o colégio e a secretaria estadual de educação? Quais as ações desenvolvidas pela coordenação de educação no campo?

D= então isso que eu falei, nós não temos mais a coordenação no núcleo e tal, nós temos na nossa nomenclatura, nos impomos muito em relação a isso, gozamos de um respeito e um prestígio grande dentro do núcleo de educação pela seriedade do nosso trabalho coletivo, quer dizer a gente consegue as coisas, porque eles sabem que não é o diretor que pensa assim ou que faz assim, mas é todo um grupo que precisa ser respeitado, e aí é que está à diferença da nossa resistência, ela fica mais forte exatamente em função disto, porque se é uma pessoa pra resolver, resolveu tal, agora quando o trabalho é coletivo quando as coisas são pensadas no grupo é mais difícil, então o núcleo de educação não nos tem ajudado, mas também não tem atrapalhado poderia enquanto estrutura do sistema de educação poderiam nos ajudar muito, mas muito mais, mas o faz.

Entrevista Pedagoga

Legenda: E= Entrevistador, P= Pedagoga.

E= Fale um pouco sobre sua formação e sua experiência com a educação do campo:

P= Fiz o magistério em 2005 e me formei em Pedagogia. Não havia nenhuma disciplina específica do campo.

E= Quando o colégio foi criado ele sempre foi colégio do campo, ocorreram transformações? Como foram estas transformações?

P= Bom, o que eu sei é que em 1965 iniciou as séries iniciais. Em 1982 as séries finais do ensino fundamental e em 2010 o ensino médio.

E= Qual a sua concepção, e o entendimento sobre a educação do campo? Como você vê a educação do campo

P= Na minha visão é a educação voltada principalmente para o trabalho em grupo, em comunidade.

E= Quais são para você as principais características da educação do campo? Você identifica estas características no colégio em questão?

P=.

E= Os alunos fazem relações entre o saberes escolares e a sua vivência no campo? Se sim, como ela ocorre? Como é feita a mediação por parte do professor?

P= Quando passo nas salas vejo os professores nas suas disciplinas buscando relacionar a vivência dos alunos. Um exemplo é o programa Mais Educação, onde a teoria e práticas cotidianas estão relacionadas.

E= O calendário escolar, as aulas e as atividades seguem o mesmo padrão das demais escolas ou acompanha períodos de atividades do campo?

P= O nosso calendário segue o mesmo padrão das demais escolas.

E= Como você relaciona o ensino em sala de aula quanto à ligação dos conteúdos com o local onde a escola se situa no campo? E mais especificamente matemática, relate alguns exemplos matemáticos.

P=.

E= O colégio possui projetos curriculares e extracurriculares onde os alunos saem da aula e vão para o campo? Se sim, de que forma é realizado, possui ligação com o ensino? Algum deles envolve a disciplina de matemática?

P= Então, como mencionado anteriormente, temos o programa Mais Educação, o qual oferta: Campos de Conhecimento, Brinquedo e Artesanato Regional, Agroecologia (conservação de Solo e Composteira) e Educação Patrimonial. Todas essas atividades são realizadas com os alunos do 6º ao 9º ano do nosso ensino fundamental no período contra turno.

E= Seria possível a matemática escolar usufruir do campo para auxiliar no aprendizado dos educandos? Como utilizar a matemática no campo, como ensiná-la para alunos que vivem no campo?

P=.

E= Há particularidades da escola do campo? O professor faz relações entre a Educação do Campo com os conteúdos escolares matemáticos?

P= Sim, como disse antes, o professor sempre busca relacionar o campo e a vida dos alunos com o conteúdo.

E= A escola possui um local ou uma sala específica para a criação de materiais para auxílio nas aulas? Como os materiais são construídos pelos alunos no decorrer da aula, pensando na vivência deles no campo?

P= Então, os materiais produzidos pelos alunos geralmente são confeccionados em sala de aula e em seguida exposto no saguão para as demais turmas.

E= Como é entendida a cultura do campo no colégio? São realizadas festas tradicionais? Visitas de outras escolas? O aluno se vê importante para o local onde ele está presente?

P= Com certeza, o estudante é muito valorizado, tem liberdade para opinar, conversar e usar todos os espaços da escola. Sobre as visitas, são feitos vários intercâmbios com outras escolas do campo no período letivo.

E= Como é a organização do colégio, quanto ao trabalho, à distribuição de atividades?

P= Nós sempre fazemos reuniões, tudo é decidido em grupo.

E= Como são realizadas as atividades em grupo, de que modo os alunos se relacionam nessas atividades?

P= Bom, no nosso caso, dentro da sala de aula, os alunos são organizados em grupos com quatro integrantes cada. Nós tentamos sempre buscar a convivência com o outro, dando e aceitando opiniões, tentamos fazer com que os alunos sempre busquem ajudar nas dificuldades de cada um.

E= Qual sua opinião sobre a visão da comunidade em geral em relação ao colégio do campo em questão?

P= Hmm, então, eu percebo que a comunidade confia muito em nós, no nosso trabalho.

E= Os alunos, quando terminam seus estudos nesse colégio do campo, permanecem na comunidade? Qual sua concepção sobre esse assunto?

P= Olha, o que eu percebi aqui é que depende muito do incentivo da família. Muitos pais incentivam seus alunos a ir morar na cidade, estudar e ficar por lá, outros já incentivam os alunos a permanecerem com eles no trabalho rural.

E= Qual sua visão sobre a escola como possibilitadora da ampliação dos conhecimentos do campo?

P= Nossa, é excelente e muito importante valorizar a cultura da comunidade.

E= Como é realizado o processo de avaliação dos alunos?

P= Então, os nossos estudantes são avaliados constantemente através de atividades realizados em sala, trabalhos, provas escritas e várias outras formas que os professores utilizam.

E=Qual é a relação dos familiares do grupo escolar com o colégio? Grupo escolar no caso, os professores, diretores, os pertencentes ao colégio.

P= Eu vejo a maioria das famílias presentes na escola e quando é necessário, chamamos os pais que sempre nos atendem, sempre vem para o colégio.

E= Possui alguma disciplina específica para a educação do campo no currículo do colégio?

P= Não, nesse momento ainda não temos.

E= Qual seu entendimento sobre a legislação do campo em âmbito nacional e estadual? Quais documentos foram utilizados como balizadores para construção do projeto político pedagógico da escola?

P= Bom utilizamos a LDB, alguns pensadores da Educação do Campo, Paulo Freire, Saviani, Libâneo, entre outros.

E= Qual a relação entre o colégio e a secretaria estadual de educação? Quais as ações desenvolvidas pela coordenação de educação no campo?

P= Seguimos sempre as orientações da Secretaria.

Entrevista Professora Matemática

Legenda: E= Entrevistador, P= Professora.

E= Fale um pouco sobre sua formação e sua experiência com a educação do campo:

P= Então tenho Ciências Biológicas com habilitação em matemática, uma especialização em Orientação e Supervisão e uma especialização em Educação Matemática, e também tenho o PDE na formação. Estou trabalhando neste colégio desde o ano de 2000, já são 15 anos de trabalho com o Ensino Fundamental.

E= Quando o colégio foi criado ele sempre foi colégio do campo, ocorreram transformações? Como foram estas transformações?

P=.

E= Qual a sua concepção, e o entendimento sobre a educação do campo? Como você vê a educação do campo

P= Educação do campo para mim é interagir o conhecimento propriamente dito entre as disciplinas com o conhecimento que o aluno trás consigo sobre a sua vivência no campo, aproximando o saber com sua realidade.

E= Quais são para você as principais características da educação do campo? Você identifica estas características no colégio em questão?

P= A principal característica é o aluno compartilhar o seu conhecimento adquirido no ambiente em que vive com sua família com os demais no ambiente escolar. Sobre o colégio, identifico pelas contribuições dos alunos durante as aulas.

E= Os alunos fazem relações entre o saberes escolares e a sua vivência no campo? Se sim, como ela ocorre? Como é feita a mediação por parte do professor?

P= As vez acontece uma mediação, principalmente quando cito exemplos de problemas que possam envolver o cotidiano do aluno, aí percebo que a contribuição por parte do aluno acontece.

E= O calendário escolar, as aulas e as atividades seguem o mesmo padrão das demais escolas ou acompanha períodos de atividades do campo?

P= Segue o padrão das demais escolas.

E= Como você relaciona o ensino em sala de aula quanto à ligação dos conteúdos com o local onde a escola se situa no campo? E mais especificamente matemática, relate alguns exemplos matemáticos.

P= As aulas acompanham o planejamento que é parcialmente igual as demais escolas, mas o que eu tento inovar é ir para as aulas práticas, como no sistema de medidas. Medindo o espaço físico da escola, trabalho com alqueire, hectare, gráficos com situações reais em que vivem, números inteiros com a compra e venda de produtos que produzem em casa, juros e porcentagens e vários outros conteúdos.

E= O colégio possui projetos curriculares e extracurriculares onde os alunos saem da aula e vão para o campo? Se sim, de que forma é realizado, possui ligação com o ensino? Algum deles envolve a disciplina de matemática?

P=.

E= Seria possível a matemática escolar usufruir do campo para auxiliar no aprendizado dos educandos? Como utilizar a matemática no campo, como ensiná-la para alunos que vivem no campo?

P= Olha, eu acredito que sim, mas penso que precisamos antes de tudo uma estrutura, um espaço físico apropriado para desenvolver tanto aulas teóricas como práticas envolvendo ao mesmo tempo as demais disciplinas de uma forma interdisciplinar de forma mais comprometida.

E= Há particularidades da escola do campo? O professor faz relações entre a Educação do Campo com os conteúdos escolares matemáticos?

P= Com certeza há sim. Sempre que possível faço relações.

E= A escola possui um local ou uma sala específica para a criação de materiais para auxílio nas aulas? Como os materiais são construídos pelos alunos no decorrer da aula, pensando na vivência deles no campo?

P= Ainda não temos uma sala específica, a produção dos materiais acontece em sala.

E= Como é entendida a cultura do campo no colégio? São realizadas festas tradicionais? Visitas de outras escolas? O aluno se vê importante para o local onde ele está presente?

P= Sempre que possível visitamos e recebemos visitas de outras escolas. Sobre as festas tradicionais, temos a festa junina juntamente com o Concurso da Macarronada, onde até os alunos formam equipes para participar.

E= Como é a organização do colégio, quanto ao trabalho, à distribuição de atividades?

P= Considero uma equipe muito unida e comprometida, pensando sempre no melhor para o aluno.

E= Como são realizadas as atividades em grupo, de que modo os alunos se relacionam nessas atividades?

P= Durante as aulas teóricas, trabalhos, avaliações, os alunos sempre trabalham em grupo.

E= Qual sua opinião sobre a visão da comunidade em geral em relação ao colégio do campo em questão?

P= A comunidade está orgulhosa com o Colégio, pois estamos já com profissionais atuantes no mercado de trabalho, muitos seguindo os estudos em Universidades para que possam futuramente ajudar sua família.

E= Os alunos, quando terminam seus estudos nesse colégio do campo, permanecem na comunidade? Qual sua concepção sobre esse assunto?

P= Alguns sim, outros ficam no campo e também alguns vão para as cidades. Penso que os que ficam no campo são porque gostam e também pelo incentivo que recebem da família.

E= Qual sua visão sobre a escola como possibilitadora da ampliação dos conhecimentos do campo?

P= A escola é uma ponte mediadora entre o conhecimento e o aluno, ela abre o caminho para que o aluno possa fazer a sua opção futuramente.

E= Como é realizado o processo de avaliação dos alunos?

P= Costumo adotar vários critérios, como participação, empenho, trabalhos, pesquisas, provas, práticas e outros.

E= Qual é a relação dos familiares do grupo escolar com o colégio? Grupo escolar no caso, os professores, diretores, os pertencentes ao colégio.

P=Amigável, sempre estão preocupados com o andamento das atividades e com o aprendizado de seus filhos, e também são comprometidos com as atividades que cabem a eles, desde as tarefas dos alunos ao auxílio em festas, reuniões e vários outros.

E= Possui alguma disciplina específica para a educação do campo no currículo do colégio?

P= Ainda não, mas é uma boa ideia.

E= Qual seu entendimento sobre a legislação do campo em âmbito nacional e estadual? Quais documentos foram utilizados como balizadores para construção do projeto político pedagógico da escola?


P=.

E= Qual a relação entre o colégio e a secretaria estadual de educação? Quais as ações desenvolvidas pela coordenação de educação no campo?

P=.

ANEXOS

Plano Disciplinar



**COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO
TEOTÔNIO VILELLA**
45 3345 1109

**Organizai-vos porque teremos
necessidade de toda nossa
inteligência, entusiasmo e força.**
Gramsci

PLANO DISCIPLINAR

ART. 1º O presente regulamento tem por finalidade organizar, orientar e definir normas para o bom andamento das atividades educativas do Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella no ano de 2015, no zelo dos princípios democráticos, participativos e de cidadania de todos os envolvidos nas atividades e processos da Educação e Ensino Público.

ART. 2º Todos os estudantes deverão participar das aulas e de todas as atividades de ensino oferecidas pelo Colégio com a camiseta de uniforme e portar-se com o restante da roupa adequadamente para o espaço colegial.

PARAGRAFO ÚNICO: Para as aulas de Educação Física o estudante poderá utilizar outra roupa adequada aos esportes devendo ser trocada para o restante das aulas.

ART. 3º O sistema de alerta escolar (sinal) será de dois toques, sendo que no segundo toque os estudantes deverão estar em sala, na sua mesa de estudo no aguardo da chegada do professor, bem como, nos intervalos entre uma aula e outra, todos deverão permanecer em sala e somente ausentar-se com a permissão e controle do professor.

ART. 4º As idas ao banheiro devem ser antes do início das aulas, no recreio ou quando necessitar com a permissão do professor, evitando-se aglomerações de estudantes no banheiro durante as aulas, bem como a utilização da água e fechamento das torneiras precisa ser observado, buscando sua utilização consciente.

ART. 5º Nenhum aluno poderá ausentar-se do Colégio durante as aulas sem autorização da coordenação pedagógica ou da direção.

ART. 6º Sempre que necessitar faltar às aulas apresentar uma justificativa seja ela por escrita ou até mesmo via telefone. (fazer ficha de justificativa), sendo de responsabilidade de o estudante solicitar ao professor ou colega de sala o conteúdo e todas as atividades e avaliações trabalhadas nos dias de faltas.

ART. 7º Entregar sempre no prazo estipulado pelo professor as atividades, trabalhos e avaliações propostas, sendo de responsabilidade dos estudantes atenderem as orientações dos professores no que tange aos processos de aprendizagem dos estudantes.

ART. 8º É responsabilidade de cada estudante vir para o Colégio com todos os seus materiais de estudo, zelar por eles especialmente os que são de uso de todos, como livros dicionários e outros de uso coletivo.

ART. 9º É responsabilidade de todos devolverem os materiais de uso coletivo no devido lugar, como: pratos e copos de uso da merenda, mapas, dicionários, aparelhos eletrônicos, etc.

ART. 10 Nenhum estudante poderá trazer para o Colégio objetos ou materiais que não sejam destinados aos seus estudos do dia a dia, bem como fazer uso de aparelhos celulares, netbook, notebook, outros durante as aulas prejudicando o andamento das atividades de estudo e nem haverá responsabilidade da direção por extravio ou desaparecimento destes objetos pessoais.

ART. 11 Os computadores, projetores e internet de uso em sala de aula são para o uso do professor, podendo o estudante utilizá-lo somente com a permissão do professor com a finalidade de desenvolver as atividades curriculares propostas. Toda e qualquer postagem em redes sociais é de inteira responsabilidade do 'donô' da página, bem como quaisquer problemas que possam ocorrer.

ART. 12 Todos os estudantes, professores e funcionários envolvidos nos processos educacionais são responsáveis pelo bom andamento de todas as atividades de educação do colégio em todos os seus horários devendo colaborar e zelar pelo bom andamento evitando sob todas as formas a agressão à integridade física e moral de todos os segmentos da comunidade escolar.

ART. 13 Nenhum estudante, professor, funcionário ou terceiro poderá comercializar materiais, ou catálogos de vendas no Colégio com finalidade de zelar pelo objetivo educacional.

ART. 14 Não realizar festas e comemorações de aniversários que não sejam planejadas, organizadas e autorizadas pela Coordenação Pedagógica do Colégio.

ART. 15 Os danos e depredações do patrimônio de uso de todos como carteiras, cadeiras, bancos e etc... Serão cobradas ou repostas dos que praticarem estas atividades. (Ex: riscar e borrar cadeiras, paredes, quebrar vidraças etc.).

ART. 16 Todo o consumo de alimentos e bebidas nas dependências do Colégio são restritas ao que tange a merenda escolar, não sendo permitido mascar chicletes, bebidas alcoólicas, refrigerantes, salgadinhos chips, frituras e etc.

ART. 17 O uso e estacionamento de carros e motos no pátio do Colégio restringem-se aos professores e estudantes que portarem a sua habilitação.

ART. 18 As salas de aulas estarão organizadas em número de quatro estudantes por grupo. A definição dos mesmos acontecerá no início de cada trimestre, bem como a escolha do líder de cada grupo e do líder da turma.

ART. 19 O uso do bonê será permitido desde que o mesmo não atrapalhe o bom andamento da aula, cuidando para que seu uso seja adequado com a atividade que será desenvolvida.

PORTÃO OCOÍ, 09 DE FEVEREIRO DE 2015.

DIREÇÃO, PROFESSORES E ESTUDANTES

Termo de Autorização do Colégio



COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO TEOTÔNIO VILELLA
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Avenida Pedro Callegaro, 170 - CEP 85890-000 - Portão Ocoi - Missal/PR
Telefone (45) 3345-1109 - Fax (45) 3345-1102
e-mail: mlvteotoniovilella@seed.pr.gov.br

AUTORIZAÇÃO

Eu, Oraci Reinheimer, diretor do COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO TEOTÔNIO VILELLA, autorizo a realização do estudo "EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENSINO DA MATEMÁTICA : UM ESTUDO DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO TEOTÔNIO VILELLA", a ser conduzido pelos pesquisadores Barbara W. Diesel Novaes e Maykon Jhonatan Schrenk. Fui informado pelo responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Declaro ainda estar ciente que essa pesquisa será realizada após o parecer ético emitido pela CEP da UTFPR.

Missal, 03 de Setembro de 2015.


ORACI REINHEIMER
Diretor
Prof. Oraci Reinheimer
Diretor - RG: 4.156.814-3
RES: N° 0012/2011- DOE 06/01/2012

Modelo de Termo de Consentimento (alunos e entrevistados)

TERMO DE CONSENTIMENTO ALUNO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENSINO DA MATEMÁTICA: UM ESTUDO DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO TEOTÔNIO VILELLA

Investigador(a): Barbara Winiarski Diesel Novaes e Maykon Jhonatan Schrenk

Local da Pesquisa: Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella

Endereço: Distrito do Portão do Ocoí, Missal, Paraná- Brasil.

O que significa o consentimento?

O consentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de jovens e adultos, para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações por mais simples que possam parecer.

Pode ser que este documento denominado TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa ou à equipe do estudo para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Informação ao participante da pesquisa:

a) Apresentação da pesquisa

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa, cujo objetivo é verificar se e como ocorre a Educação do Campo no Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella por meio da análise de vestígios na documentação escolar e no ensino da matemática.

Você participará, caso concorde, cedendo seus cadernos de matemática do ano de 2014. Com a análise dos cadernos pretende-se buscar vestígios da Educação do Campo na produção escolar através dos cadernos de matemática.

b) Desconfortos, Riscos e Benefícios.

O risco ao participar desta pesquisa está relacionado ao possível constrangimento e cansaço ao responder as questões pessoais. Está garantido ao participante o direito de se retirar ou deixar de participar da pesquisa em qualquer momento. A participação é voluntária e caso você opte por não participar, não terá nenhum prejuízo ou represálias.

Os benefícios ao participar desta pesquisa serão indiretos, ao oferecer elementos para a melhora e o avanço da educação do campo.

c) Confidencialidade

A pesquisa não divulgará seu nome, garantindo o anonimato.

d) Critérios de inclusão e exclusão

Foram selecionados para participar desta pesquisa 4 alunos, um do sexto ano, um do sétimo, um do oitavo e um do nono ano regularmente matriculados no ano de 2014 no Colégio em investigação. Serão excluídos desta pesquisa os alunos que tenham reprovado por nota e/ou frequência no ano de 2014.

e) Ressarcimento e indenização.

Estão assegurados o ressarcimento e indenização provenientes de custos ou danos gerados ao participar dessa pesquisa.

f) Contato para dúvidas

Se você ou os responsáveis por você tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou no caso de riscos relacionados ao estudo, você deve contatar o(a) Investigador(a) do estudo ou membro de sua equipe: MAYKON JHONATAN SCHRENK, celular (45) 88294345. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como um paciente de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O CEP é constituído por um grupo de profissionais de diversas áreas, com conhecimentos científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada da pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA:

Eu li e discuti com o investigador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE CONSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste Documento DE CONSENTIMENTO INFORMADO.

NOME	ASSINATURA	DATA

NOME DO INVESTIGADOR	ASSINATURA	DATA

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR) REITORIA:
Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail:
coep@utfpr.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO ENTREVISTADO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENSINO DA MATEMÁTICA: UM ESTUDO DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO TEOTÔNIO VILELLA

Investigador(a): Barbara Winiarski Diesel Novaes e Maykon Jhonatan Schrenk

Local da Pesquisa: Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella

Endereço: Distrito do Portão do Ocoí, Missal, Paraná- Brasil.

O que significa o consentimento?

O consentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de jovens e adultos, para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações por mais simples que possam parecer.

Pode ser que este documento denominado TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa ou à equipe do estudo para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Informação ao participante da pesquisa:

a) Apresentação da pesquisa

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa, cujo objetivo é verificar se e como ocorre a Educação do Campo no Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella por meio da análise de vestígios na documentação escolar e no ensino da matemática.

Você participará, caso concorde, respondendo a uma entrevista. Com a realização desta entrevista pretende-se verificar as experiências e conhecimentos dos professores sobre a Educação do Campo no Colégio pesquisado.

b) Desconfortos, Riscos e Benefícios.

O risco ao participar desta pesquisa está relacionado ao possível constrangimento e cansaço ao responder as questões pessoais. Está garantido ao participante o direito de se retirar ou deixar de participar da pesquisa em qualquer momento. A participação é voluntária e caso você opte por não participar, não terá nenhum prejuízo ou represálias.

Os benefícios ao participar desta pesquisa serão indiretos, ao oferecer elementos para a melhora e o avanço da educação do campo.

c) Confidencialidade

A pesquisa não divulgará seu nome, garantindo o anonimato.

d) Critérios de inclusão e exclusão

Foram selecionados para participar desta pesquisa 3 professores (o diretor, professor de matemática do ensino fundamental e pedagogo) da escola em investigação que estejam trabalhando a mais de quatro anos na mesma. Serão excluídos desta pesquisa os professores que estejam afastados de suas funções a mais de seis meses.

e) Ressarcimento e indenização.

Estão assegurados o ressarcimento e indenização provenientes de custos ou danos gerados ao participar dessa pesquisa.

f) Contato para dúvidas

Se você ou os responsáveis por você tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou no caso de riscos relacionados ao estudo, você deve contatar o(a) Investigador(a) do estudo ou membro de sua equipe: MAYKON JHONATAN SCHRENK, celular (45) 88294345. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como um paciente de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O CEP é constituído por um grupo de profissionais de diversas áreas, com conhecimentos científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada da pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA:

Eu li e discuti com o investigador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE CONSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste Documento DE CONSENTIMENTO INFORMADO.

NOME	ASSINATURA	DATA
------	------------	------

NOME DO INVESTIGADOR	ASSINATURA	DATA
----------------------	------------	------

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR) REITORIA:
Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail:
coep@utfpr.edu.br

Modelo de Termo de Assentimento (alunos)

TERMO DE ASSENTIMENTO ALUNO

TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO (Adolescentes com 12 anos completos, maiores de 12 anos e menores de 18 anos)

Informação geral: O assentimento informado para a criança/adolescente não substitui a necessidade de consentimento informado dos pais ou guardiães. O assentimento assinado pela criança demonstra a sua cooperação na pesquisa.

Título do Projeto: EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENSINO DA MATEMÁTICA: UM ESTUDO DO COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO TEOTÔNIO VILELLA

Investigador(a): Barbara Winiarski Diesel Novaes e Maykon Jhonatan Schrenk

Local da Pesquisa: Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella

Endereço: Distrito do Portão do Ocoí, Missal, Paraná- Brasil.

O que significa assentimento?

O assentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de adolescentes, da sua faixa de idade, para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações por mais simples que possam parecer.

Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa ou à equipe do estudo para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Informação ao sujeito da pesquisa:

a) Apresentação da pesquisa

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa, cujo objetivo é verificar se e como ocorre a Educação do Campo no Colégio Estadual do Campo Teotônio Vilella por meio da análise de vestígios na documentação escolar e no ensino da matemática.

Você participará, caso concorde, cedendo seus cadernos de matemática do ano de 2014. Com a análise dos cadernos pretende-se buscar vestígios da Educação do Campo na produção escolar através dos cadernos de matemática.

b) Desconfortos, Riscos e Benefícios.

O risco ao participar desta pesquisa está relacionado ao possível constrangimento e cansaço ao responder as questões pessoais. Está garantido ao participante o direito de se retirar ou deixar de participar da pesquisa em qualquer momento. A participação é voluntária e caso você opte por não participar, não terá nenhum prejuízo ou represálias.

Os benefícios ao participar desta pesquisa serão indiretos, ao oferecer elementos para a melhora e o avanço da educação do campo.

c) Confidencialidade

A pesquisa não divulgará seu nome, garantindo o anonimato.

d) Critérios de inclusão e exclusão

Foram selecionados para participar desta pesquisa 4 alunos, um do sexto ano, um do sétimo, um do oitavo e um do nono ano regularmente matriculados no ano de 2014 no Colégio em investigação. Serão excluídos desta pesquisa os alunos que tenham reprovado por nota e/ou frequência no ano de 2014.

e) Ressarcimento e indenização.

Estão assegurados o ressarcimento e indenização provenientes de custos ou danos gerados ao participar dessa pesquisa.

f) Contato para dúvidas

Se você ou os responsáveis por você tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou no caso de riscos relacionados ao estudo, você deve contatar o(a) Investigador(a) do estudo ou membro de sua equipe: MAYKON JHONATAN SCHRENK, celular (45) 88294345. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como um paciente de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O CEP é constituído por um grupo de profissionais de diversas áreas, com conhecimentos científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada da pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO SUJEITO DA PESQUISA:

Eu li e discuti com o investigador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste Documento DE ASSENTIMENTO INFORMADO.

NOME DO ADOLESCENTE	ASSINATURA	DATA

NOME DO INVESTIGADOR	ASSINATURA	DATA

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR) REITORIA:
Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail:
coep@utfpr.edu.br